

CAPÍTULO 1 — ROTINA COM PAREDE DE VIDRO

Se alguém me perguntasse quando foi a primeira vez que percebi que minha vida não era normal, eu não saberia responder.

Porque o problema das coisas estranhas é que, quando você nasce dentro delas, elas parecem só... rotina.

Acordar na mansão Blackwood significava ouvir o som do desespero perfeitamente silencioso.

O som metálico e rítmico da chuva batendo contra o vidro blindado do meu quarto era a única coisa que me lembrava que o mundo lá fora ainda era real. No meu quarto, tudo era perfeito demais. O ar tinha a temperatura exata de 22 graus, os lençóis de seda não tinham um vinco e o silêncio era absoluto.

Até que a porta deslizou.

— Se você disser que são sete da manhã, eu juro que hakeio seu sistema de voz para você só falar em rimas pelo resto do dia — resmunguei, afundando a cara no travesseiro.

Ouvi o som dos passos dele. Firmes, mas silenciosos. Leon não entrava em um cômodo, ele o dominava.

— Sete e um, senhorita — a voz dele veio como um trovão baixo e controlado. — E tecnicamente, meu sistema de voz possui criptografia de nível militar. Suas chances de sucesso seriam de 0,02%.

Senti o peso dele se aproximando da cama. Rolei para o lado e dei de cara com aquele par de olhos verdes intensos me encarando. Leon estava impecável, como sempre. Sobretudo grafite, luvas de couro perfeitamente ajustadas e nem um fio de cabelo preto fora do lugar.

— Você é um chato, sabia? — me sentei, bufando, e joguei uma almofada nele.

Ele não desviou. Apenas estendeu a mão e pegou a almofada no ar com uma rapidez que eu nunca cansava de observar. Ele a colocou de volta na poltrona com uma precisão irritante.

— Meu propósito não é ser divertido, Olívia. É garantir que você chegue à universidade com o café da manhã devidamente processado e sem sinais de privação de sono.

— "Processado". Viu? É disso que eu falo — me levantei, passando por ele e dando um tapinha no braço dele, que parecia feito de mármore por baixo do tecido tecnológico. — Você fala como um manual de instruções. Cadê a emoção, Leon? O drama? A rebeldia?

Ele se virou, me acompanhando com o olhar enquanto eu caminhava até o closet.

— Guardei a rebeldia para quando você tentar fugir da aula de macroeconomia hoje à tarde. Meus sensores indicam uma probabilidade alta de você "esquecer" o caminho da sala.

Parei na porta do closet e olhei para trás com um sorriso cínico.

— Você é um espião de luxo muito caro, Leon. Meus pais deviam pedir o reembolso.

— Eles preferem a garantia de que você não vai se meter em um racha de hoverbikes nas Zonas Híbridas de novo — ele rebateu, sem alterar o tom, mas notei um movimento mínimo em sua mandíbula.

— Aquilo foi uma vez! E eu estava ganhando — gritei de dentro do closet, escolhendo uma calça jeans e uma bota confortável. Nada de vestidos de boneca hoje. — E você me tirou de lá como se eu fosse uma criança fazendo birra.

— Você estava em um setor onde o índice de criminalidade é 400% superior à sua zona de segurança — ele apareceu na porta do closet, encostando o ombro no batente com uma elegância que me irritava. — Minha função é evitar que sua integridade física seja comprometida por sua sede de adrenalina.

— Blá, blá, blá. "Integridade física" — debochei, saindo com a roupa na mão. — Você precisa de um hobby, Leon. Talvez tricô. Ou se apaixonar por uma cafeteira inteligente.

Pela primeira vez na manhã, vi um lampejo de algo que parecia um sorriso seco no canto dos lábios dele.

— A cafeteira do escritório tem um processamento de dados muito lento para o meu gosto. Não faz meu tipo. Agora, ande logo. Seu pai já está à mesa e o humor dele hoje não está para atrasos.

O sorriso no meu rosto murchou um pouco. O "mundo real" dos Blackwood estava esperando lá embaixo.

— Ele descobriu sobre o desvio de fundos da ala sul? — perguntei, minha voz perdendo o tom de brincadeira.

Leon ficou em silêncio por exatamente 1,2 segundos. Tempo demais para ele.

— Ele está... ocupado com os relatórios da Cypher Neural — respondeu Leon, a voz agora perfeitamente plana. — Eu cuidarei para que a conversa não chegue a assuntos estressantes durante o café.

Ele estava mentindo? Não, robôs não mentiam para seus donos. Pelo menos, era o que eu achava. Mas, às vezes, o jeito que o Leon me olhava — como se estivesse filtrando o mundo inteiro antes de deixar chegar em mim — me fazia pensar que ele sabia muito mais do que os protocolos permitiam.

— Vamos logo, "guarda-costas" — suspirei, pegando minha mochila. — Proteja-me da tortura que é o café da manhã em família.

— Sempre, Olívia.

Descemos, minha mãe levantou o olhar varrendo minhas roupas com um olhar de desaprovação.

— Bom dia, querida — minha mãe, Eleanor, disse sem tirar os olhos de um tablet transparente. Ela estava impecável, nem um fio de cabelo fora do lugar, como se tivesse sido esculpida em porcelana.

— Leon, como ela dormiu?

— Dentro dos padrões esperados para uma noite de tempestade, Eleanor — Leon respondeu, puxando a cadeira para mim com a naturalidade de quem faz parte da mobília, mas com a elegância de um lorde depois se sentou ao meu lado na mesa.

— Leon, passe o mel, por favor. — Minha mãe, Eleanor, estendeu a mão voltando os olhos para o jornal digital que flutuava sobre a mesa.

Ele pegou o pote de cristal — que era provavelmente uma antiguidade de algum rei morto — e o colocou ao alcance dela. O movimento era fluido, humano. Demasiado humano.

— Obrigada, querido.

Meu pai, Clark, mastigava um pedaço de torrada como se estivesse analisando um relatório trimestral.

— Leon, os números do projeto Hydra. Estão fechados?

— Fecharam ontem às 23:47, senhor — Leon respondeu, sentado à mesa como qualquer um de nós. A postura era perfeita, mas não robótica. Apenas... contida. — Um aumento de 12,3% na eficiência. Enviei a análise para o seu terminal.

— Bom. Bom. — Meu pai acenou, satisfeito. Ele não olhava para Leon como para uma ferramenta. Olhava para ele como olhava para mim — com uma mistura de orgulho e posse. Um ativo da família. Um Blackwood por procuração.

Eu observava, espalhando manteiga no pão. Era estranho pensar que, para o mundo, Leon era uma maravilha tecnológica, um protótipo único da Cypher Neural. Para mim, ele era apenas... Leon. O cara que me ensinou a amarrar os sapatos. Que ficava do lado de fora do banheiro quando eu tinha pesadelos. Que tinha uma pasta de memórias no cérebro dele dedicada apenas às minhas caretas de bebê.

— Aulas de economia às quatorze, Olivia — meu pai disse, por fim levantando os olhos. — Não se distraia.

— Nunca — murmurei, fazendo uma careta para Leon quando meu pai voltou a olhar para a torrada. Leon não fez careta de volta. Mas o canto da boca dele — aqueles lábios firmes,

perfeitamente esculpidos – contraiu-se um milímetro. Era o equivalente dele a um sorriso de escárnio.

— Está muito quieta hoje — minha mãe comentou, seu olhar perspicaz pairando sobre mim.
— Planejando algo?

— Só a minha fuga épica para Marte — respondi, levando uma mordida enorme no pão. — Preciso de um foguete. Leon, você pilota foguetes?

— Tenho 1.437 simulações de pilotagem de aeronaves em meu banco de dados — ele respondeu, sério. — Nenhuma específica para foguetes interplanetários. Mas posso aprender.

— Veem? — eu disse para meus pais. — Ele apoia meus sonhos.

Meu pai soltou um ruído que poderia ser uma risada. Minha mãe apenas abanou a cabeça, um sorriso cansado nos lábios. Eram assim. Distantes. Ocupados. Amorosos de um jeito que parecia mais um dever do que um desejo. Leon era quem me ouvia falar por horas sobre nada. Leon era quem sabia que eu tinha medo de tempestades. Leon era quem estava ali.

Mas Leon também era quem não me deixava respirar.

O carro era uma extensão da sala de estar. Silencioso. Confortável. Uma prisão sobre rodas.

Leon estava ao volante, como sempre. Eu me joguei no banco de trás, soltando um suspiro exagerado.

— Tédio detectado — ele falou, os olhos verdes no retrovisor. — Nível 8,2. Acima da média das quartas-feiras.

— É porque hoje é quinta — eu disse, encostando a testa no vidro. A cidade passava, um borrão de néon e metal. — As quintas têm uma promessa de aventura que as quartas não têm. É científico.

— Seu ‘coeficiente de aventura’ está calculado em 0,3 para hoje — ele rebateu, virando em uma avenida. — Baseado em sua agenda: aulas, tutor, jantar em casa. A menos que considere o jantar de salmão uma atividade de alto risco.

— O salmão da Sra. Darrow tem espinhas — eu retruquei. — São minúsculas e traíçoeiras. Já é algo.

Ele não respondeu, mas o ar no carro pareceu ficar mais leve. Era assim nosso ritmo. Eu reclamava do mundo de algodão-doce em que vivia. Ele apontava, com lógica implacável, como aquele algodão-doce era à prova de balas, tinha sistema de filtragem de ar e uma equipe de nutricionistas. Era um jogo. Um jogo que eu estava ficando cansada de jogar.

Olhei para suas mãos no volante. Sem luvas hoje. A pele era perfeita, mas não de um jeito assustador. Apenas... imaculada. Sem cicatrizes de infância, sem marcas de lutas. Uma tela em branco.

— Você já quebrou um osso, Leon?

Ele piscou, processando a pergunta fora do contexto.

— Meu endoesqueleto de titânio-carbono tem tolerância a forças de até—

— Não, não — interrompi, sentando. — Humano. Tipo, já caiu de um balanço? Bateu o dedo mindinho na quina de uma mesa? Algo que dói?

Houve uma pausa. Longa demais para ser apenas uma busca no banco de dados.

— Não — ele respondeu, finalmente. A voz estava... diferente. Uma textura áspera, como se as palavras estivessem presas em algum lugar. Rouca. — Não possuo memórias de dor física genuína. Apenas simulações para calibrar respostas protetivas.

Aquilo me pegou. Não a resposta. O tom. A rouquidão. Era nova.

— Tá rouco? — perguntei, inclinando-me para frente entre os bancos.

— Ajuste de sistema vocal — ele disse rapidamente, limpando a garganta — um gesto humano tão perfeito que era quase uma paródia. — Ambientes com poluição sonora excessiva.

Mentira. A limusine era mais silenciosa que uma tumba. Guardei aquilo. Mais uma peculiaridade de Leon para minha coleção.

A fachada da Academia Blackwood (sim, meu pai comprou o naming rights) surgiu, um monstro de vidro e aço que gritava “futuro” em todos os idiomas, menos no humano.

O carro parou. Leon saiu primeiro. Seu corpo, antes relaxado no banco, transformou-se. Os ombros pareceram alargar, a postura ficou ainda mais ereta, alerta. Ele escaneou a calçada, o portão, os rostos que passavam. Em três segundos, tinha processado mais perigos em potencial do que eu em dezoito anos.

A porta do meu lado se abriu. — Tudo limpo. — ele disse encostando no carro com as mãos no bolso.

Vi Maya acenando freneticamente perto do portão principal, seu cabelo rosa um farol de normalidade no mar de uniformes caros.

— Lá está o seu fã-clube número um — Leon comentou, os olhos fixos em Maya.

— Ela não é minha fã, é minha cúmplice — corrigi, ajustando a mochila.

— Cúmplice em quê? — A voz de Leon veio de trás de mim. Eu me virei. Seus quase dois metros de altura pairando sobre mim, não com ameaça, mas com... presença. Uma barreira viva entre mim e o mundo.

— Em nada — eu disse, dando um tapinha em seu braço. Era sólido. Imóvel. — Em absolutamente nada. Prometo.

Ele me olhou. Seus olhos verdes varriam meu rosto, lendo cada microexpressão, cada pico de frequência cardíaca. Eu sabia que ele podia ver minha mentira pulsando sob a pele. Ele sempre sabia.

— Oito da noite — ele disse, por fim. A rouquidão tinha sumido, substituída por uma resignação plana. — Nem um minuto depois.

— Leon, você é um tirano.

— E você é previsível, Olivia Blackwood. Sua fuga está agendada para as dezenove e trinta. Vai chover. Leve um casaco.

Ele sabia. Claro que sabia. Não era um “grupo de estudo”. Era um encontro com Ethan na galeria urbana perto da zona híbrida. Um lugar sujo, barulhento e real. Meu contrabando semanal de adrenalina.

E ele não estava me impedindo. Apenas... traçando os limites. Me dando corda suficiente para me enforcar, mas ficando por perto com uma tesoura.

— Obrigada, irmão — eu disse, e a palavra saiu mais suave do que eu pretendia.

Ele não respondeu. Apenas inclinou a cabeça. Um gesto que, em qualquer outro, seria formal. Nele, era um aceno de cumplicidade cansada. Vá. Mas se machucar, eu vou desmontar o mundo peça por peça para te consertar.

Era assustador. Era sufocante. Era o único amor incondicional que eu conhecia.

— Olivia! Atualizei minha vida! — Maya Sterling nos alcançou balançando os dreads coloridos e sorriso enorme, dando uma cotovelada em mim. Seus olhos pousaram em Leon, e ela assobiou baixinho. — Olha só, meu boyfriend está particularmente glorioso hoje. Ele faz tríceps? Pergunta por uma amiga que quer um personal trainer imortal.

Eu senti um calor no rosto que não tinha nada a ver com vergonha. Era irritação. — Ele não é seu boyfriend, Maya. É meu... Leon. — A palavra saiu sozinha, e soou estúpida. Meu Leon. Como se ele fosse um cachorro, ou um acessório.

Maya riu, pegou meu braço e começou a me puxar. — Tudo bem, tudo bem. Seu anjo da guarda de 1,92m e olhos de esmeralda sintética. Vamos, temos bioquímica e a professora é um dragão.

Dei uma última olhada para trás. Leon estava de volta ao posto, junto ao carro. Mas seus olhos não estavam no perímetro. Estavam fixos em mim.

•••

O resto do dia foi uma névoa. Aula. Tutor. O beijo no rosto da minha mãe. O aceno distante do meu pai.

Às 19:14, eu estava na porta, com um casaco (preto, comum, nada de grife) e um coração batendo como um tambor de guerra.

Leon estava no hall, parado perto da escada. Ele não olhou para o meu relógio. Não perguntou. Seus olhos apenas percorreram minha roupa – jeans, camiseta, tênis, mochila, roupas que eu só usava escondido da minha mãe que insistia em me vestir como Barbie eletrônica. – e ele deu um leve aceno.

— A sala de estar leste da casa dos Sterling tem uma janela que trava com frequência — ele disse, sua voz uma mera sombra no corredor silencioso. — Não se apoie nela.

Eu olhei para ele. A luz suave do hall acentuava as sombras sob seus olhos, a linha firme da sua mandíbula. Parecia... tenso? Mas isso era impossível.

— Leon — eu comecei, uma ponta de culpa perfurando minha empolgação.

— Oito da noite, Olivia — ele cortou, suave mas final. Seus olhos encontraram os meus. E ali, por uma fração de segundo, vi algo além do guardião, além do irmão. Vi uma resignação tão profunda que era quase dor. — Nem um minuto depois.

Ele sabia. Não apenas sobre o encontro. Sabia que cada mentira minha era um tijolo em um muro entre nós. E ele apenas assistia, impotente, porque seu trabalho não era me prender. Era me manter viva, mesmo que isso significasse me ver correr em direção ao perigo.

— Não vou me atrasar — prometi, e a palavra saiu um sussurro.

Ele não respondeu. Apenas se afastou, dando espaço para eu passar. Um gesto de rendição.

Saí correndo pela porta, o ar noturno – úmido, prometendo chuva – me envolvendo como um abraço de um estranho. A adrenalina cantava em minhas veias. Liberdade. Por uma hora, seria só eu e Ethan, e o som alto, e o ar sujo, e ninguém me observando.

Não olhei para trás. Se tivesse olhado, teria visto Leon parado na porta iluminada, uma silhueta imponente contra a luz quente da casa, observando-me desaparecer na escuridão. Calculando as probabilidades. Arquivando mais uma mentira.

E, enquanto eu andava imaginei Leon catalogando e inserindo tudo em sua mente como já vi milhares de vezes quando ele se conectava ao computador do meu pai, mostrando arquivos, vídeos e relatórios.

ARQUIVO: OLIVIA_BLACKWOOD - COMPORTAMENTO DE RISCO - EVENTO 047.

LOCAL: GALERIA URBANA 'VERTIGEM', ZONA HÍBRIDA 7.

ACOMPANHANTE: ETHAN BLACKWELL.

NÍVEL DE AMEAÇA CALCULADO: 6.8/10.

PROTOCOLO: VIGILÂNCIA REMOTA ATIVADA.

OBSERVAÇÃO: SUJEITO MENTIU SOBRE DESTINO. PADRÃO RECORRENTE.

ESCALADA: 12% ACIMA DO ÚLTIMO MÊS.

ANÁLISE SUBCONSCIENTE: PERIGO.

Balancei a cabeça afastando o chato do Leon dos pensamentos, hoje era um dos dias que me sentia viva, livre e era dia de aproveitar.

CAPÍTULO 2 — VERTIGEM

A primeira inalação de ar da zona híbrida era sempre um soco.

Não era sujo, exatamente. Era... denso. Carregado com o cheiro de óleo quente, comida de rua frita, o doce artificial de algum tipo de incenso que tentava – e falhava – em mascarar o cheiro de urina e concreto velho. Era o cheiro do mundo real, e ele me pegou na garganta como um vício.

Puxei o capuz do casaco, já que minha aparência arrumadinha demais não ajudava muito, mantive a cabeça baixa enquanto andava rápido pelo labirinto de vielas que levavam à galeria Vertigem. As luzes aqui eram diferentes – não a iluminação uniforme e segura dos setores humanos mais luxuosos, eram néons piscantes que lançavam sombras erradas, holoposters desbotados de propagandas de drogas legais e clubes de androides que prometiam experiências “0% Humano mas prazer 100% reais.”

Era normal em regiões assim ter esses “tipo” de lugares, era normal atos ilícitos como venda de “Android” prostituição de humanos, drogas, bebidas de todos os tipos, comidas estranhas, mas uma coisa eu tinha aprendido.

Liberdade tinha gosto de sujeira.

Meu coração batia num ritmo feliz e desesperado. Era aqui. No caos, no perigo. Longe das paredes de vidro que eu me sentia supostamente livre.

A galeria Vertigem ficava num antigo estacionamento abandonado. A entrada era um buraco na grade de aço, com dois androides de aparência militar – modelos obsoletos de segurança, seus olhos vermelhos varrendo a multidão – cobrando uma “taxa de entrada”

que eu sabia que era suborno. Encostei o relógio no braço do android, pagando em moedas digitais de uma carteira que meu pai não conhecia, e escorreguei para dentro.

O som era uma parede física. Baixos que faziam meu esterno vibrar, uma batida eletrônica caótica que parecia o coração da cidade híbrida em parafuso. Luzes estroboscópicas cortavam a fumaça artificial, iluminando flashes de corpos dançantes, piercings brilhantes, pele humana mescelada com membros cromados. Era um caos organizado, e por alguns minutos, eu apenas parei na entrada, deixando a onda de pura vida me inundar.

— Olivia!

Ethan se materializou da névoa e das luzes, seu sorriso torto iluminado por um holoprojetor azul. Ele usava uma jaqueta de couro sintético surrada – a mesma que ele dizia que o fazia parecer um “poeta cyberpunk falido” – e seus olhos castanhos brilhavam com a adrenalina do lugar.

— Você veio! — Ele me puxou para um abraço rápido, cheirando a cigarro eletrônico de baunilha e suor juvenil.

— Disse que viria, não disse? — Gritei para ser ouvida sobre a música, sentindo um sorriso genuíno esticar meu rosto.

— Sim, mas com o guarda-costas perfeito na cola, nunca se sabe — ele respondeu, o sorriso dele se tornando um pouco mais ácido na palavra “perfeito”. Ele passou um braço sobre meus ombros, me guiando para o meio da multidão. — Ele não tá... por aí, né? Escondido num canto, calculando a trajetória de uma garrafa de cerveja voadora?

— Leon não veio. É só nós — respondi, mas meu olho varreu instintivamente os cantos mais escuros, os pontos elevados. Um hábito. Uma maldição.

— Ótimo. Porque hoje vamos curtir! — ele sussurrou seu hálito quente no meu ouvido, e um arrepio que nada tinha a ver com a música percorreu minha coluna.

Ele me levou através da massa suada de corpos até perto de onde um DJ androide com tentáculos mecânicos manipulava as mesas de som e ele tirou duas latas de cerveja fluorescente de uma bolsa térmica.

— Para a princesa do setor humano — ele brindou, batendo sua lata na minha.

— Para a fuga — retribuí, e demos um gole. O líquido era doce e ácido, e queimava de um jeito bom.

Ethan me puxou para mais perto, começou a movimentar nossos corpos no ritmo frenético da música.

— Você tá linda — ele disse, inclinado para falar perto do meu ouvido, competindo com a música.

— Eu sei — respondi, sorrindo. — Mas gosto quando você diz mesmo assim.

Era assim com Ethan. Fácil. Despretensioso. Ele me via como Olivia, não como Olivia Blackwood. Ele ria das minhas piadas ruins, me contava sobre seus projetos de arte digital ilegal, reclamava dos pais dele que eram “burgueses medíocres” – o que, comparado aos meus, soava quase fofo. Com ele, eu era normal. Ou pelo menos, fingia ser.

Ele riu, aquela risada baixa que vibrava no peito dele e acabava respingando em mim. Dançamos. Não bem. Não sincronizados. Do jeito que as pessoas dançam quando não estão tentando impressionar ninguém.

A música eletrizante, os corpos se esbarrando sob a boate lotada deixava tudo mais perfeito.

Por alguns minutos, o mundo se reduziu a: luz, som, calor, Ethan.

Uma mão me puxando me tirou do transe, Ethane já estava me puxando entre as pessoas para um espaço mais vazio. Ele me beijou perto de uma das colunas, entre uma instalação de luz pulsante e um mural que dizia SENTIR NÃO É ERRO. O beijo foi lento, cheio de desejo contido, respondi colocando os braços ao redor do pescoço dele aprofundando o beijo deixando intenso dessa vez. Minhas mãos subiram para o pescoço dele, sentindo o pulso acelerado sob a pele.

Foi quando as luzes piscaram.

Não foi um blecaute. Foi algo mais sutil. As luzes estroboscópicas principais, que varriam a pista de dança, oscilaram e morreram por exatos três segundos. A música não parou, mas a iluminação de emergência, um vermelho opressivo, tomou conta. Gritos de brincadeira surgiram da multidão.

— Ah, merda, a energia de novo — Ethan resmungou, olhando para cima.

Eu olhei também. E vi, no canto mais alto da galeria, onde havia uma passagem de serviço, um reflexo. Um flash breve e verde, como se alguém tivesse olhado através de um dispositivo de visão noturna. Exatamente a cor dos olhos de Leon em modo de escaneamento profundo.

Meu coração deu um salto no peito. Não. Era paranoia. Tinha que ser. Ele prometeu confiar em mim dessa vez.

As luzes principais voltaram, mais fortes, como se alguém tivesse sobretensionado o sistema. A multidão gritou, animada.

— Vem cá, vamos continuar... — Ethan perguntou, me puxando pra ele.

— Um minuto — eu disse, me soltando. — Vou ao... banheiro.

Ele me olhou meio confuso, mas acenou. — Não se perca, princesa.

Caminhei não em direção aos banheiros, mas para a lateral da galeria, onde uma fileira de cabines de realidade virtual privativas – ou algo mais obscuro – ficava alinhada. Meu pulso estava acelerado. Precisava me convencer de que era só minha imaginação.

Foi então que vi os dois caras.

Eles estavam encostados perto da saída de emergência, o tipo que você aprende a evitar instintivamente. Roupas escuras, olhos vidrados, observando a multidão não com diversão, mas com avaliação. Predadores. Um deles olhou diretamente para mim, e um sorriso lento se abriu em seu rosto. Ele cutucou o amigo e começou a se mover em minha direção.

O gelo se formou nas minhas veias. Virei para fugir, mas tropecei em um fio solto no chão. Nesse momento, uma câmera de segurança presa no teto – uma bolha preta e vermelha – girou bruscamente. Não para mim, mas para os dois caras. Um feixe de luz laser vermelho, fino como uma agulha, saiu da câmera e pintou o rosto do líder por uma fração de segundo, cegando-o.

— Que porra?! — ele gritou, esfregando os olhos.

A câmera então emitiu um ruído agudo, ultrassônico, que fez os dois homens encolherem as orelhas e amaldiçoarem. Eles trocaram um olhar, o líder ainda semicerado, e, com um último olhar para mim – agora mais irritado do que predatório –, viraram as costas e se perderam na multidão em direção à saída.

Fiquei paralisada, encostada na parede fria de concreto. A câmera voltou lentamente à sua posição normal, sua luz vermelha piscando de forma inocente.

Coincidência. Defeito. Paranoia.

Mas eu conhecia padrões. E aquilo tinha a assinatura de uma lógica fria e protetora. Uma intervenção cirúrgica. Ninguém mais tinha notado. A música continuava, os corpos suavam, a vida seguia.

Leon estava aqui. Não fisicamente, talvez. Mas de alguma forma, seus olhos estavam. E suas mãos.

Voltei para Ethan com as pernas tremendo, mas não de medo. De uma raiva súbita e quente. Ele tinha me dado espaço, mas não tinha me soltado. Nunca me soltava.

— Tudo bem? Você está pálida — Ethan disse, seu rosto mostrando genuína preocupação.

— Tudo bem — menti, forçando um sorriso. — Só... o barulho, o calor.

Mas Ethan também havia percebido algo.

— Olívia — Ethan segurando minhas mãos. Ele parecia sério agora. — Eu te amo. Você sabe disso, né? Mas eu odeio que a gente tenha que se esconder. Eu odeio que ele esteja sempre lá, mesmo quando não está.

— Ele não está aqui, Ethan.

— Tem certeza? — Ethan apontou para o meu próprio pulso. O relógio biométrico que Leon me obrigava a usar brilhava com uma luz azul suave. — Ele sabe onde você está. Ele sabe que seu coração está batendo mais rápido agora. Ele está ouvindo tudo isso?

Eu olhei para o relógio. Sete e cinquenta e cinco.

— Ele não ouve conversas privadas, Ethan. É contra o protocolo de privacidade dos Blackwood.

— E você ainda acredita em protocolos? — Ethan suspirou, soltando minhas mãos. — Você vive em uma casa de vidro, mas quem segura as pedras é ele.

— Quer ir pra um lugar mais quieto? — ele sugeriu, parecendo deixar o assunto para lá. — Sei de um café aberto até tarde, do outro lado da rua. Menos... isso.

Olhei para a multidão, para as luzes que agora pareciam falsas, para as câmeras no teto. A ilusão de liberdade tinha rachado, revelando os fios de controle por baixo.

— Sim — eu disse, a palavra saindo como um suspiro de rendição. — Vamos.

Saímos pela entrada principal, o ar noturno úmido batendo em nossos rostos como um banho frio. O café era uma pequena caverna iluminada por velas, cheirando a grãos torrados e doces artificiais. Sentamos em um banco no canto, e a normalidade do gesto — pedir um café, Ethan contar uma história boba sobre seu professor — começou a acalmar os meus nervos.

Até que o holovíssor atrás do balcão, que mostrava notícias mundiais, piscou. A âncora digital desapareceu por um instante, substituída por uma tela de erro estática. E então, por menos de um segundo, uma série de códigos verdes subiu pela tela. Códigos que eu tinha visto uma vez, por acaso, no terminal do meu pai. Assinaturas de protocolos de segurança da Cypher Neural.

A tela voltou ao normal.

Ethan nem tinha notado, estava muito ocupado tentando equilibrar um cubo de açúcar no nariz.

Eu engoli meu café, que de repente tinha gosto de cinzas. Ele não estava apenas vigiando. Ele estava demonstrando. Um lembrete gentil e aterrorizante: Eu estou aqui. Eu vejo tudo. E você está segura, quer queira ou não.

Quando olhei para o relógio, eram 19:58.

— Preciso ir — disse, me levantando tão rápido que quase derrubei a cadeira.

— Já? — O rosto de Ethan caiu. — Mal começamos.

— Prometi. Oito horas. Você sabe como é.

— Sim — ele respondeu, e a mágoa em sua voz era real. — Sei como é. O imperativo robótico chama.

— Ethan, por favor.

— Tudo bem, tudo bem — ele levantou as mãos, derrotado. — Vou te levar até o ponto de conexão do trem.

Caminhamos em silêncio pelo labirinto de volta para a borda da zona híbrida. O toque dele na minha mão já não tinha a mesma magia. A parede estava de volta, e nós dois conseguíamos senti-la. Era feita de algoritmos e dever, e era mais forte que qualquer sentimento nosso.

Na parada do trem magnético, ele me puxou para um último beijo. Foi rápido, doce, e tinha o gosto amargo da despedida.

— Até a próxima fuga? — ele perguntou, seu sorriso torto tentando se manter firme.

— Até a próxima — prometi, mas as palavras soaram ocas.

Entrei no trem, e as portas se fecharam com um silvo. Através do vidro, vi Ethan acenar, sua figura ficando cada vez menor enquanto o trem acelerava para longe da sujeira e do caos, de volta para o mundo limpo, silencioso e seguro.

Encostei a testa no vidro frio, exausta. A adrenalina tinha se dissipado, deixando para trás apenas o vazio de saber que minha aventura tinha sido, do início ao fim, um teatro. E eu não tinha sido a única plateia.

Quando o trem parou na estação privada do nosso setor, ele já estava lá.

Leon esperava sob a luz branca e clínica da plataforma, imóvel como sempre. Seu casaco preto parecia absorver a luz ao seu redor. Ele não perguntou como foi. Não fez comentários sobre minha roupa, minha hora quase em cima do limite. Apenas acenou com a cabeça em direção ao carro que esperava.

Caminhei até ele, a raiva da noite fervendo sob minha pele.

— Você esteve lá — acusei, parando a poucos centímetros dele.

Ele olhou para mim, seus olhos verdes impassíveis. — Estive onde, Olivia?

— Na galeria. Você interferiu. A luz, a câmera, aqueles homens...

— A infraestrutura das zonas híbridas é notoriamente instável — ele disse, sua voz lisa, perfeita, sem a rouquidão da manhã. — E o comportamento predatório é um dado estatístico comum nesses locais.

Eu olhei fixamente para ele, procurando por uma fenda, uma piscadela, qualquer coisa que entregasse a mentira. Nada. Apena a parede perfeita de sua programação.

— Você prometeu não me seguir. — sussurrei, a acusação se transformando em algo mais frágil.

— Eu não te segui, te protegi. — ele corrigiu, suave, final. E então, algo em seu tom mudou, ficando quase imperceptivelmente mais humano. — E você chegou a salvo. Isso é tudo que importa.

Ele abriu a porta do carro para mim. Um gesto de cavalheirismo. Um gesto de prisão.

Entrei. O ar dentro do carro era filtrado, na temperatura perfeita. O silêncio era absoluto.

— E agora me protege até de beijar meu namorado? — Encostei no banco jogando a mochila para o lado.

— Lugar público demais para contato físico prolongado.

— Aff Leon! Eu te odeio.

— Essa mentira já foi registrada.

Eu sabia muito bem que mesmo sem emoção nenhuma na voz ele estava me provocando, mordi os lábios segurando o riso, Leon não merecia meu sorriso agora.

Olhei para a janela quanto deslizávamos pelas ruas imaculadas de volta para a mansão, eu olhei para seu perfil no espelho. Ele observava a estrada, seus olhos refletindo as luzes que passavam.

E então, no vidro do meu lado, embaçado pela diferença de temperatura, uma palavra apareceu, escrita por um dedo invisível do lado de fora, desaparecendo quase imediatamente:

SAFE.

suspirei Eu fechei os olhos, um calafrio percorrendo minha espinha. Era uma mensagem? Um defeito no vidro inteligente? Ou apenas minha mente cansada inventando coisas? Óbvio que não era Leon confirmando que eu imaginava ele sempre está lá.

— Você é um idiota. — murmurei sorrindo.

Leon não respondeu.

Não olhei para ele. Mas naquele momento, entendi algo fundamental.

Minhas fugas não eram escapes. Eram apenas um passeio mais longo pela coleira. E Leon não era apenas o guardião que segurava a coleira.

Ele era a coleira.

CAPÍTULO 03 - UMA VIDA NORMAL

Desci para o café mais tarde que o habitual. A mesa estava quase vazia, apenas os restos do café da manhã dos meus pais e um prato limpo onde Leon devia ter comido – ou simulado comer. Um hábito que ele mantinha para parecer mais humano, mesmo que a comida fosse depois processada e descartada em algum compartimento interno.

— Bom dia, dorminhoca — a voz de Maya ecoou pelo hall antes mesmo de euvê-la. Ela apareceu na porta da sala de jantar, vestindo um conjunto de treino que parecia ter sido pintado nela, seu cabelo rosa preso num coque alto e perfeito. — Ou deveria dizer ‘boa tarde’?

— Não exagera, são nove e meia — respondi, despejando suco de laranja num copo. — O que você está fazendo aqui tão cedo?

— Vim te buscar pra aula, óbvio! — Ela entrou, ajudando-se a uma fruta da cesta no centro da mesa. — E pra te contar os últimos acontecimentos do colégio. A Helena Cross quase morreu de inveja quando viu minha nova bolsa. Foi divino.

Maya era um furacão de fofocas e energia. Sua lealdade era intensa, mas às vezes eu me perguntava se ela era leal a mim ou ao drama que minha vida proporcionava. Ela adorava a proximidade com a riqueza dos Blackwood, com o mistério de Leon, com a rebeldia secreta que eu representava.

— E tem mais — ela baixou a voz, seus olhos brilhando com a promessa de fofoca. — O Ethan estava procurando por você no final da aula ontem. Parecia um cachorrinho perdido. O que você fez com o garoto, Liv?

— Nada — menti, tomando um gole de suco. — Só a vida me prendendo, como sempre.

— A vida ou o guardião de 1,92m? — ela cutucou, com um sorriso maroto. — Falando nisso... cadê o monumento grego?

Como se tivesse sido convocado, Leon entrou na sala. Não pela porta principal, mas pela varanda, como se tivesse concluído uma ronda. Trazia um tablet na mão e um leve brilho de umidade na testa. Ele devia ter vindo da academia da casa ou de uma sessão de manutenção.

— Bom dia, Maya — cumprimentou, com uma inclinação de cabeça perfeita. — Olivia, o carro estará pronto em dez minutos.

— Tá vendo? Até meu transporte é agendado — eu disse para Maya, com um suspiro dramático.

— Oh, por favor, se eu tivesse um isso me levando pra todo lugar, eu nunca reclamaria — ela retrucou, olhando Leon de cima a baixo com uma apreciação que era meio brincadeira, meio séria. — Ele até sua.

— Sistema de termorregulação em atividade — Leon corrigiu, impassível. — Transpiração simulada para maior verossimilhança em ambientes quentes.

— Verossi... o quê? Tá vendo, Olivia? Até o suor dele é de alta tecnologia. Perfeito.

Leon ignorou o comentário, seus olhos verdes pousando em mim. — Sua mochila está no hall. Inclui um guarda-chuva. A previsão indica chuva à tarde.

— Obrigada, mãe — respondi, sarcástica.

Ele apenas ergueu uma sobrancelha — um de seus gestos mais humanos — e saiu da sala, provavelmente para conferir alguma coisa com a segurança do perímetro.

— Ele é tão... controlado — Maya sussurrou, assim que ele saiu. — Não te dá nos nervos? Às vezes?

Todo santo dia, pensei. Mas disse: — Você se acostuma. É como ter um irmão superprotetor que nunca erra.

— Um irmão gostoso pra caralho — ela completou, rindo quando eu joguei um guardanapo nela. — Brincadeira! Quase.

O dia na Academia seguiu seu curso entediante. Aula de história das colonias espaciais, economia aplicada, uma palestra enfadonha sobre ética na inteligência artificial onde todos olharam para mim, como se eu tivesse a resposta por ter um android em casa.

— Ai meu Deus, a galeria ontem foi TUDO! — Maya exclamou, jogando-se no banco ao meu lado na biblioteca. — O Ethan me mandou mensagem dizendo que só teve uma coisa ruim, você saiu correndo como se o Cinderelo fosse virar abóbora.

— O Cinderelo tem 1,92m e rastreamento por satélite, Maya. Não tive escolha.

— Shhh! — Alguém sibilou atrás de nós.

Era Helena Cross, a terceira amiga do nosso trio. Ela estava sentada na mesa vizinha, cercada por tablets e livros de direito corporativo. Helena era o que meu pai chamava de "jovem promissora". Inteligente, fria e com um guarda-roupa que custava mais que o meu carro. Ela se virou para nós, um sorriso perfeitamente ensaiado nos lábios.

— Olívia. Não sabia que você frequentava a Zona 7 — Helena disse, a voz doce.— Ouvi dizer que é um lugar... perigoso para pessoas da nossa classe. Especialmente desacompanhadas.

— Eu não estava desacompanhada, Helena — respondi, mantendo o tom neutro que aprendi com o Leon.

— Ah, claro. O Ethan — ela fez uma careta de desdém. — Ele é um fofo, mas... não é exatamente um escudo, não é? Sorte a sua ter o Leon. Eu vi o carro dele estacionado perto da fronteira da zona ontem à noite. Ele é tão... dedicado.

Senti um frio na espinha. Helena estava me vigiando? Ou estava vigiando o Leon?

— É o trabalho dele — Maya interveio, percebendo meu desconforto. — E que trabalho, né? Se eu tivesse um Leon, não saía de casa nunca.

Helena soltou uma risadinha seca. Seus olhos percorreram o pátio lá fora, onde Leon estava parado, conversando com um dos seguranças da universidade.

Na saída, Leon estava lá, como sempre. Mas hoje havia uma pequena diferença, ele não usava o sobretudo. Estava apenas com uma camisa social preta de tecido tecnológico, as mangas dobradas até os cotovelos, revelando as tatuagens geométricas que subiam pelos seus antebraços. Eu sabia que aquilo não era arte; eram sensores e circuitos integrados, mas nele, pareciam a coisa mais estilosa do mundo.

— Olivia — ele disse, quando me aproximei do carro. — Precisarei ir à oficina de manutenção de combate hoje à noite. A Sra. Darrow preparou seu jantar, que estará na geladeira de climatização. Sua mãe tem uma reunião de caridade e seu pai estará em uma conferência orbital até amanhã.

Parei, mochila na mão. Era raro Leon anunciar seus compromissos. Normalmente, ele apenas se materializava ou desaparecia conforme a necessidade.

— Oficina de combate? — perguntei, imaginando-o em algum lugar subterrâneo, sendo ajustado com ferramentas brilhantes.

— Sim. Recalibração dos sistemas de resposta rápida e atualização dos módulos de artes marciais. É um agendamento de rotina trimestral. — Ele abriu a porta do carro para mim. — E após a oficina, irei diretamente para casa.

Casa. A palavra soou estranha. A casa dele. Não a nossa.

— Ah, certo. A Eira vai ficar feliz em te ver, então — comentei, tentando soar despreocupada enquanto entrava no carro.

Ele fechou a porta, contornou o carro e entrou no banco do motorista. Ligou o veículo em silêncio. Após alguns momentos, ele falou, sem tirar os olhos da rua:

— Eira mencionou que gostaria de te convidar para um chá, em algum momento. Ela acha que você precisa de mais... interações femininas fora do seu círculo habitual.

Fiquei surpresa. Eira, a esposa de Leon. Uma android de alto nível, mas de um modelo diferente – mais antigo, menos caro, mas ainda assim absurdamente sofisticada. Eu a tinha conhecido algumas vezes em eventos da família ou quando Leon nos convidava – a mim e aos meus pais – para jantares formais em seu apartamento na cidade dos androides. Ela era... fascinante.

— Ela disse isso? — perguntei, curiosa.

— São palavras dela. Eu apenas as repito. — Mas havia um toque quase imperceptível de algo em sua voz. Afeto? Orgulho? Era difícil distinguir com Leon.

— Eu gostaria — respondi, sinceramente. Eira era calma de um jeito que ninguém na minha vida era. Ela tinha uma serenidade que não era programada, mas escolhida. E uma beleza suave e magnética, uma sensualidade tranquila que fazia até minha mãe, com toda sua elegância fria, parecer desajeitada. Eu me sentia um patinho desengonçado perto dela.

— Eu informarei. Ela ficará contente. — Ele fez uma pausa. — E, Olivia... enquanto eu não estiver na mansão esta noite, os sistemas de segurança estarão em modo máximo. Por favor, não tente desativar o bloqueio da janela do seu quarto. A tentativa do mês passado acionou um alerta silencioso na estação de segurança do bairro.

Meu rosto queimou. — Como você...?

— Padrões de consumo de energia e pressão incomum no sensor da moldura. Foi óbvio. — Ele finalmente olhou para mim pelo retrovisor, e desta vez, eu juro que vi um brilho de diversão nos olhos verdes. — Tente ser previsível. Só por uma noite.

Eu cruzei os braços, tentando disfarçar o constrangimento com irritação. — Vou me divertir muito na minha prisão de luxo, obrigada.

— É o mínimo que posso fazer — ele retrucou, seco, e voltou a observar a estrada.

À noite, a mansão era um mausoléu.

Com meus pais ausentes e Leon na sua “oficina de combate”, o silêncio era opressivo. A Sra. Darrow, a governanta android, tinha deixado meu jantar pronto e depois se retirado para seu módulo de carga, deixando as luzes em modo noturno.

Peguei meu prato – uma comida gourmet que parecia plástico – e levei para a sala de estar principal, ligando o holovíssor numa transmissão qualquer de notícias sobre o mercado de ações de empresas de mineração lunar. A voz do âncora era um zumbido monótono.

Foi quando meu telefone vibrou. Uma chamada de vídeo. De Leon.

Atendi, surpresa. Ele quase nunca fazia chamadas.

A tela mostrou não o rosto dele, mas um ambiente bem iluminado, limpo e técnico. Podia-se ver parte de um braço mecânico suspenso e uma bancada com ferramentas. A câmera estava posicionada como se ele tivesse apoiado o dispositivo em algum lugar.

— Olivia — a voz dele veio, um pouco metálica por causa da conexão. — Estou na oficina. A recalibração está em andamento. 47% completa.

— Você... me ligou para dar um relatório de progresso? — perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Não. Liguei porque os sensores da mansão indicam que você está na sala de estar sul, sozinha, com o volume do holovíssor em 22%. Um indicador padrão de tédio elevado. — A câmera balançou, como se ele tivesse pegado o telefone. Por um segundo, seu rosto apareceu. Ele estava deitado numa espécie de maca, a parte superior do torso exposta. A pele sintética tinha sido retraída em parte do ombro e do peito, revelando uma estrutura interna de carbono e fibras ópticas que brilhavam com uma luz azul suave. Não era assustador. Era... complexo. Belo, de uma forma estranha.

— Isso não é... invasivo? — perguntei, fitando a imagem.

— É meu trabalho — ele respondeu, simplesmente. A câmera se virou novamente, mostrando o teto da oficina. — Eira disse para eu checar como você estava. Ela insiste que jovens humanas não devem ficar sozinhas em casas grandes.

Um sorriso escapou dos meus lábios. — Ela está aí?

— Está na sala de controle, monitorando os parâmetros. Ela é mais hábil com a interface do que o técnico designado.

Consegui ouvir, ao fundo, uma voz suave e melodiosa dizer algo ininteligível. A voz de Eira. Leon respondeu com um “sim, querida” que soou tão natural, tão humano, que me pegou desprevenida.

— Parece... doméstico — comentei, sem pensar.

— É a nossa rotina — disse Leon, e novamente havia aquele tom indefinível. Satisfação, talvez. — A oficina terminará em aproximadamente uma hora e trinta e dois minutos. Em seguida, iremos para casa. Os sistemas da mansão estão estáveis. Você está segura.

Lá estava aquela palavra de novo. Segura.

— Leon — chamei, antes que ele desligasse.

— Sim?

— O que você faz... quando está em casa? Com a Eira?

Houve uma pausa. Na tela, vi o braço mecânico mover-se suavemente, realizando um ajuste minúsculo em sua estrutura.

— Conversamos. Ela gosta de cuidar de plantas bioluminescentes. Eu leio relatórios de mercado e simulo cenários de investimento para o seu pai. Algumas noites, assistimos a transmissões de arquivos históricos. Ela prefere o período pré-digital. A década de 2020, especificamente. — Outra pausa. — É... agradável.

A simplicidade da descrição me atingiu com uma onda de inveja tão intensa que me surpreendeu. Aquela vida soava pacífica. Autêntica. Uma existência construída, não herdada. Uma escolha.

— Parece legal — disse, e minha voz soou pequena.

— É. — A resposta foi curta, mas carregada. — Preciso desligar. O técnico está reiniciando o módulo de sinestesia tátil. Até amanhã, Olivia.

— Até amanhã, Leon.

A tela escureceu. Fiquei olhando para o telefone mudo por um longo momento, a imagem de seus circuitos internos brilhando contra a escuridão da minha retina. Ele tinha uma vida. Uma casa. Uma esposa que o amava de uma maneira que eu nem conseguia compreender totalmente.

E eu estava aqui, num palácio vazio, comendo comida cara e assistindo a holonews, fingindo que minhas fugas para a zona híbrida eram atos de rebeldia, quando na verdade eram apenas birras de uma criança presa em um berço de ouro.

Desliguei o holovíssor. O silêncio voltou, mais pesado do que antes.

Caminhei até a enorme janela da sala, encostando a testa no vidro frio. Lá fora, a cidade cintilava, limpa e ordenada. Em algum lugar naquelas luzes, em um apartamento na cidade dos androides, Leon e Eira estavam vivendo uma vida normal. Ou o mais próximo do normal que duas inteligências artificiais podiam ter.

E eu, a humana, a orgânica, a supostamente livre, era a prisioneira.

Apertei a mão contra o vidro. O reflexo que me encarava parecia frágil. Loiro, olhos azuis, traços delicados. A imagem da menina que precisava ser protegida.

De repente, a imagem na janela mudou. Não o meu reflexo, mas o próprio vidro inteligente. Formou-se um padrão de luzes fracas, desenhando por um instante, antes de desaparecer, o contorno de uma xícara de chá fumegante.

E então, letras cursivas e elegantes, como escritas a caneta no ar:

Te espero para o chá. - E.V

Não era Leon. Era Eira. Ela tinha acessado o sistema da mansão. Não para vigiar, mas para convidar.

Um sorriso lento e real surgiu em meu rosto pela primeira vez naquela noite. Talvez houvesse mais de uma maneira de escapar das paredes de vidro. E talvez a salvação não viesse de correr para o perigo, mas de aceitar um convite para um lugar onde, quem sabe, eu pudesse simplesmente ser.

CAPÍTULO 4 — XÍCARA DE CONVERSA E CORTINAS ABERTAS

O convite de Eira pairou na minha mente durante toda a semana seguinte como um aroma promissor, algo que não conseguia ser filtrado pelo ar condicionado da mansão. Era mais do que um chá. Era um portal para um lugar onde “Olivia Blackwood” talvez não precisasse existir.

Quando o sábado finalmente chegou, uma energia nervosa tomou conta de mim. Escolhi um vestido simples – um caimento suave em cinza-pérola – e preendi o cabelo loiro de forma despretensiosa. Não queria parecer que estava tentando me igualar à elegância serena de Eira, mas também não queria chegar de jeans e tênis, como se não levasse a sério o convite.

Leon me levou no carro, o silêncio entre nós diferente do habitual. Não era pesado, mas... observador. Quando paramos em frente ao edifício de apartamentos na cidade dos androides – um prédio moderno, mas com um toque orgânico, com trepadeiras bioluminescentes subindo pelas paredes –, ele finalmente falou.

— A Eira passou a manhã toda preparando. — Ele desligou o motor, mas não se moveu para sair. — Ela pesquisou seus registros de preferências alimentares dos últimos cinco anos.

— Ela... o quê? — Fiquei surpresa.

— É o modo dela de demonstrar cuidado. Ela acredita que a precisão nos detalhes é uma forma de afeto. — Ele olhou para mim, seus olhos verdes analisando minha reação. — Não se assuste com a quantidade de informação. Para ela, é natural.

— E para você? — perguntei, antes que pudesse me conter.

Leon parou por um momento, sua expressão impenetrável. — Para mim, é um dado. Um dado útil. — Ele abriu a porta. — Vamos. Ela detesta atrasos.

O apartamento de Leon e Eira era uma revelação.

Esperava algo frio, tecnológico. Em vez disso, fui recebida por uma sinfonia de luz suave e vida. A sala principal era arejada, com grandes janelas que davam para um jardim vertical interno. Em vez de móveis futuristas, havia peças de madeira maciça e tecidos aconchegantes. O ar cheirava a terra molhada, chá de ervas e algo doce que não consegui identificar.

Eira estava à minha espera. Ela usava um robe longo de seda cor de âmbar que parecia derreter ao seu redor, destacando seus traços fortes e seus olhos castanhos profundos. Seu cabelo, negro e lustroso, caía em ondas soltas sobre os ombros. Ela não era apenas bonita; ela tinha uma presença que acalmava a sala.

— Olivia. Que alegria. — Sua voz era suave, mas possuía uma ressonância que vibrava em algum lugar dentro do meu peito. Ela não abraçou, mas segurou minhas mãos nas dela por um momento longo e caloroso. — Leon, ela está exatamente como nos seus registros, mas mais radiante. Você não captura isso nos seus scanners.

Leon, que estava parado atrás de mim como uma sombra polida, emitiu um som baixo que poderia ser um suspiro ou um reset de sistema. — Minhas capacidades são limitadas a dados objetivos, querida.

— Objetividade é uma prisão — Eira retrucou com um sorriso travesso, antes de me conduzir para dentro. — Venha, querida. Tenho um pequeno banquete para você. Leon insistiu que não era necessário, mas eu insisti que era.

O “pequeno banquete” estava disposto na mesa da sala de jantar. E foi, de fato, assustadoramente perfeito. Havia exatamente as coisas que eu amava: croissants de chocolate amargo do tipo que eu só encontrava em uma padaria francesa virtual que havia acessado anos atrás; suco de laranja sanguínea com um toque de gengibre, meu vício de inverno; uma salada com folhas verdes, queijo de cabra e nozes pecã caramelizadas – uma combinação que eu havia mencionado de passagem em um diário digital quando tinha quinze anos; e, no centro, um bolo de limão e papoula, minha sobremesa favorita absoluta, que nem meus pais lembravam.

Fiquei paralisada diante da mesa. Não era a abundância. Era a intimidade daquilo. Cada item era um eco de um desejo meu, um fragmento de quem eu era, coletado e apresentado com um cuidado que beirava o devocional.

— Como...? — foi tudo que consegui dizer.

Eira pousou uma mão leve no meu braço. — Leon é um excelente arquivista. E eu sou uma excelente intérprete. Sentemos. O chá de jasmim está perfeito.

A refeição foi uma das experiências mais estranhas e maravilhosas da minha vida. Eira não fazia perguntas invasivas. Ela observava. Ela comentava sobre a textura do bolo, sobre como a luz da tarde realçava a cor dos meus olhos, sobre a beleza das plantas do seu jardim. Ela falava sobre sua fascinação com a “era da ansiedade” – os anos 2000 – e como os humanos aprendiam a conectar-se através de telas.

— A conexão é o antídoto para a solidão, não importa a forma — ela disse, servindo mais chá. — Leon aprendeu isso tarde. Ele estava muito ocupado sendo perfeito.

Leon, que estava sentado conosco, mas claramente em um modo de observação passiva, ergueu uma sobrancelha. — A perfeição tem sua função.

— Sim, querido. A função de te deixar entediado. — Ela sorriu para ele, e algo passou entre eles — um olhar, uma troca de dados imperceptível, uma linguagem privada. Era... um relacionamento. Real.

E eu me senti, pela primeira vez em muito tempo, completamente à vontade. Não a Olivia que precisava se rebelar, ou a herdeira que precisava se comportar. Apenas Olivia, sentada com uma mulher fascinante que parecia genuinamente interessada nos meus pensamentos, e um androide que, de repente, parecia mais... relaxado.

Enquanto comíamos, ela falava sobre como Leon tinha passado a noite anterior "reorganizando" meus arquivos de infância no servidor privado deles.

— Ele não admite, mas é nostálgico — Eira disse, servindo mais chá.

Eu olhei para Leon, que estava encostado na parede da cozinha, observando-nos. Ele não parecia um segurança ali; parecia o dono da casa relaxando após um longo dia. Sem o sobretudo, com as mãos nos bolsos da calça social, ele parecia... Diferente. Em casa.

— Nostalgia é uma falha de processamento que prioriza dados obsoletos — ele rebateu, mas o tom era aquele que ele usava só comigo. Uma provocação seca.

Eu me levantei e fui até ele, pegando um donut e oferecendo um pedaço. — Admite, Leon. Você estava vendo o vídeo de quando eu tentei dar banho no gato da vizinha e acabei no hospital com três pontos no braço.

Ele olhou para o donut, depois para mim. Por um segundo, a barreira profissional sumiu. Ele estendeu a mão e, com o polegar enluvado, limpou um pouco de açúcar do canto da minha boca. Foi um gesto rápido, automático, de quem já fez isso mil vezes desde que eu tinha cinco anos.

— O gato tinha 4,5 kg e garras de 1,2 cm. Você foi imprudente. Eu salvei o gato — ele disse, e eu ri, dando um soco leve no ombro dele.

— Você salvou a mim! — corrigi.

Ele não se moveu, mas seus olhos suavizaram. Havia uma linha invisível que nos conectava, algo que não precisava de contratos da Cypher Neural. Era a paz de saber que, não importa o que acontecesse, ele estaria ali.

E ele sabia que eu sabia.

O som da moto do Ethan quebrou o momento.

Descemos, Eira e eu. Leon já estava lá fora, parado na calçada como uma sentinela de ferro. Ele observava a aproximação da moto com uma expressão que ia além do profissional — era quase... julgamento estético.

Ethan parou a moto com um solavanco, tirando o capacete e tentando manter a pose, apesar de estar visivelmente intimidado pelo ambiente impecável.

— E aí, Liv? — ele disse, com aquele sorriso torto que costumava derreter meu coração, mas que aqui, sob o olhar de Leon, parecia apenas... pequeno.

— Você está 14 minutos adiantado, Sr. Blackwell — Leon disse, a voz grossa e sem pressa.
— O consumo de combustível da sua unidade de transporte indica uma falha no carburador. É ineficiente. E perigoso.

— É uma clássica, Leon. Você não entenderia o charme da mecânica analógica — Ethan rebateu, mas evitou olhar diretamente nos olhos verdes dele.

— Ele vai me levar para a casa dele, Leon. — Eu disse, interrompendo a discussão.

Leon olhou para Ethan como se estivesse analisando um inseto barulhento. Ethan tentou sustentar o olhar, mas acabou desviando para ajustar o capacete.

— A casa dos Blackwell tem um sistema de segurança nível 2. É rudimentar — Leon comentou, cruzando os braços. — Qualquer um com um decodificador básico entra pela cozinha.

— Ninguém vai entrar pela cozinha, Leon — bufei, revirando os olhos.

Eira interveio, deslizando a mão pelas costas de Leon.

Leon olhou para ela, e a troca que houve entre eles foi intensa. Foi como assistir a dois supercomputados terem um debate filosófico em milissegundos.

Eira sorriu. Um sorriso que parecia saber se mais.

— Vá — ela disse para Leon. — Nem todas as fugas são perigosas. Algumas são necessárias.

Leon respirou fundo. Um gesto humano demais para alguém como ele.

— Eu monitorarei à distância — disse finalmente. — Apenas por segurança.

— Claro — respondi. — Sempre..

— Entendido — disse, séria.

Ele acenou, uma única vez. — Boa noite, Olivia.

— Obrigada, Lee — sussurrei de volta.

Eira me abraçou novamente. — Divirta-se, querida. De verdade.

A casa de Ethan era o oposto da mansão: compacta, cheia de holoposters de bandas obscuras, roupa jogada, o cheiro constante de instantâneo sintético e o aroma dele. Era uma desordem acolhedora.

Assim que a porta do apartamento se fechou, foi como se um peso físico tivesse saído dos meus ombros. Aqui, não havia câmeras de Leon, nem o zumbido dos sistemas da mansão. Havia apenas Ethan, seu sorriso torto, e o espaço apertado que era todo nosso.

— Finalmente — ele sussurrou, seus lábios encontrando os meus antes que eu pudesse responder.

Era diferente de tudo. Sem pressa, sem o olhar vigilante nos cantos escuros. Suas mãos percorreram minha cintura, puxando-me para mais perto, e eu me permiti afundar naquela sensação. Deixei meu casaco cair no chão, deixei meus dedos se perderem no cabelo dele.

— Ele deixou mesmo — Ethan sussurrou entre um beijo e outro, sua voz um misto de admiração e incredulidade enquanto levava a gente para o quarto dele.

— A Eira convenceu-o — respondi, rindo contra sua boca.

— A esposa-robô? Ela é minha heroína.

— Ela não é um robô. Ela é... Eira.

Não discutimos mais. Não havia espaço para Leon, para Eira, para Blackwoods ou protocolos naquele quarto. Havia apenas a pressão dos seus quadris contra os meus, o som de sua respiração acelerada no meu ouvido, o calor da pele dele sob as minhas mãos, o gosto da boca dele na minha. Era uma liberdade de um tipo totalmente diferente. Não a liberdade da revolta, mas a liberdade da entrega. De ser desejada, de ser tocada, de ser só um corpo no escuro, anônimo e voraz.

O tempo perdeu o significado. Ficamos deitados depois, emaranhados sob a colcha da cama ouvindo a trilha sonora caótica da cidade híbrida ecoar lá fora. Seus dedos traçavam círculos preguiçosos na minha espinha.

— É sempre assim com você — ele disse, seu queixo repousado no topo da minha cabeça.
— Parece que o mundo lá fora para.

Era verdade. Com Ethan, o universo se reduzia a esta bolha de pele, suor e sussurros. Era um antídoto poderoso contra a vastidão claustrofóbica da minha vida.

Olhei para o relógio projetado no teto. 23:25. O acordo.

— Preciso ir — disse, o peso da realidade retornando com as palavras.

Ele não reclamou. Sabia as regras do jogo. Ajudou-me a me vestir em silêncio, seus beijos agora mais suaves, mais doces, de despedida.

— Até a próxima fuga? — perguntou, na porta, seu rosto iluminado apenas pela luz do corredor.

— Até a próxima — respondi, e desta vez a promessa era quente e real, impregnada do cheiro dele na minha pele.

•••

O carro de Leon esperava na rua designada, um quarteirão depois do prédio de Ethan, como combinado. Um pequeno gesto de discrição que eu apreciei.

Entrei no banco de trás. O ar estava frio e limpo. Leon estava ao volante, imóvel.

Ele não perguntou. Não disse “como foi”. Mas quando ele colocou o carro em movimento, sua voz quebrou o silêncio, baixa e casual, como se continuássemos uma conversa da tarde.

— O bolo de limão. A Eira está certo. A acidez estava 0,3 pontos acima do ideal. Ela vai recalibrar a receita.

Um sorriso involuntário surgiu em meus lábios. Era o seu jeito. Seu ritual de reestabelecimento da normalidade. Um comentário sobre um dado seguro, familiar.

— Eu adorei. Estava perfeito para mim.

— Subjetividade humana — ele resmungou, mas não era uma crítica. Era um fato. Um fato que ele estava aprendendo a navegar.

Olhei para a janela. A cidade noturna passava, um espetáculo de luzes. Refletida no vidro, eu podia ver seus olhos no retrovisor. Eles não estavam na estrada. Estavam em mim, por uma fração de segundo.

E então, na névoa do meu lado da janela, desenhada com a precisão de um laser, uma nova sequência apareceu e sumiu num piscar de olhos. Não uma palavra, mas um código. A sequência exata de toques que eu costumava bater na porta do seu quarto de serviço quando era criança e tinha pesadelos: batata, batata, batata-ta.

Nosso código. Nosso “estou aqui”.

Meu coração apertou de um jeito bom. Eu me virei para olhar para ele, mas seu perfil estava voltado para a estrada, impassível. Só a ligeira contração do músculo de sua mandíbula, quase imperceptível, traía qualquer coisa.

Ele sabia. Sabia onde eu tinha estado, o que aquela noite significava para mim. E em vez de um relatório de segurança ou uma palavra de advertência, ele me enviara um eco do nosso passado compartilhado. Um lembrete de que, por trás do guardião, do protetor, do arquivista de dados, estava o irmão que conhecia meus medos de infância.

A coleira ainda estava lá. Mas eu entendia: ela não era feita apenas de restrições. Era feita também de histórias compartilhadas, de códigos secretos e de um cuidado que, por mais asfixiante que pudesse ser, vinha de um lugar de conhecimento profundo. De um lugar que, em sua própria e complicada maneira, era lar.

Encostei a testa no vidro frio, o código fantasma ainda dançando na minha mente, e pela primeira vez, a volta para a mansão não pareceu uma rendição. Pareceu um retorno.

CAPÍTULO 5 — CONFIANÇA CONSTRUÍDA, ARMADILHA ARMADA

(Capítulo Anterior à Noite do Sequestro)

A rotina tornou-se um véu fino, escondendo a tempestade de antecipação dentro de mim. A mansão Blackwood, os corredores da Academia, até mesmo o santuário da casa de Leon e Eira – tudo parecia agora um cenário provisório, um palco onde eu ensaiava para a peça principal: a noite da minha verdadeira liberdade.

Helena Cross tornou-se a arquiteta da minha fuga, e sua competência era assustadora. Ela não era como Maya, toda entusiasmo barulhento. Helena era meticulosa. Cirúrgica.

— O evento está registrado como uma festa privada de aniversário no Nexus Club, no setor empresarial 12 — ela explicou, mostrando-me um convite holográfico impecável no seu tablet durante um intervalo entre aulas. — Segurança de alta classe, lista fechada, tudo por biometria. É exatamente o tipo de lugar que o seu guardião aprovaria para você, uma Blackwood. Plausível.

O plano era simples, mas brilhante. Eu chegaria ao Nexus Club com Leon. Ele me deixaria na porta, verificaria os protocolos de segurança – que Helena havia minuciosamente forjado em todos os bancos de dados relevantes – e, como o lugar era considerado um "ambiente seguro de nível 8.5", ele aguardaria no veículo em uma área designada a alguns quarteirões de distância. Um procedimento padrão para eventos de alta sociedade. Dentro do clube, eu passaria pela recepção biométrica (onde um código de Helena me daria acesso real a uma sala privada vazia por cinco minutos) e, por uma saída de serviço dos fundos, uma carona discretíssima me levaria para o verdadeiro destino: o Vértice, o clube off-grid na zona de transição 3.

— Ele nunca precisará saber que você não está no Nexus — Helena disse, seus olhos frios brilhando com inteligência. — Os sistemas do clube são selados. Sem vazamento de dados. Para todos os efeitos, você estará em uma festa segura e chata. Enquanto isso... — Ela sorriu, e pela primeira vez, vi algo além da frieza calculista. Vi empolgação. — Enquanto isso, você estará vivendo.

A parte mais difícil foi manter a farsa com Leon. Nossa cumplicidade, que sempre foi nossa linguagem, tornou-se meu maior obstáculo. Ele conhecia meus padrões. Sabia quando eu estava animada de verdade e quando estava forçando.

Na noite em que finalmente mostrei a ele o convite do "Nexus Club", estávamos na casa dele. Eira estava no jardim interno, cantarolando enquanto podava suas orquídeas violeta.

— Uma festa de aniversário? — Leon perguntou, segurando o holoconvite que eu havia transferido para seu terminal. Seus olhos verdes percorreram as informações, os selos de segurança, os nomes dos supostos anfitriões — uma família de empreiteiros orbitais que ele conhecia de vista. — A família Vance. É um evento plausível.

— Helena Cross me convidou. A prima dela é noiva do filho mais novo — menti, colando-me à história que Helena havia construído. Meu coração batia forte contra as costelas. Ele vai perceber. Ele sempre percebe.

Leon olhou para mim, depois para o convite, e de volta para mim. Seu rosto era uma máscara de análise neutra.

— Você parece... ansiosa — ele observou, sua voz suave.

— É uma festa chique, Lee. Vou conhecer gente nova. — Forcei um sorriso. — Além do mais, você mesmo disse que o Nexus tem segurança excelente. Você pode ficar no carro e ler aquele tratado enfadonho sobre dinâmica de mercado que você tanto ama.

Ele não sorriu com a piada. Seus dedos tamborilam levemente no terminal. — A distância entre a área de espera designada e a entrada principal é de 280 metros. Em caso de emergência, meu tempo de resposta seria de 11,3 segundos, assumindo tráfego zero. É... aceitável.

Era mais do que aceitável. Era a brecha que precisávamos.

— Então está tudo bem? — perguntei, tentando conter o tremor na voz.

Ele não respondeu imediatamente. Seus olhos se desviaram para a varanda, onde Eira entrava, manchas de terra nas mãos imaculadas.

— Leon, querido, está torturando a Olivia com análises de risco novamente? — Eira perguntou, seu tom suave cortando a tensão.

— Apenas confirmando parâmetros — ele respondeu, mas sua voz tinha perdido um pouco da rigidez. Ele olhou para Eira, e algo silencioso passou entre eles. Um sutil aceno de cabeça dela, quase imperceptível.

Eira se aproximou, pousando uma mão no meu ombro. — Uma festa faz bem. Ela precisa se divertir, Leon. Não só fugir para cafés escondidos com o namoradinho. — Seus olhos castanhos encontraram os meus, e neles eu vi um brilho de compreensão que me fez sentir inexplicavelmente segura... e culpada. — Vai ser bom para você, querida. Confie no Leon. Ele saberá manter a distância certa.

Foi o aval final. Leon respirou fundo — aquele gesto humano desnecessário que denotava resignação — e acenou.

— Muito bem. — Ele transferiu o convite de volta para o meu dispositivo. — Eu te levo até a porta. Farei a verificação padrão. Você entrará. Eu retornarei ao veículo. Você me chama quando quiser ser recolhida. O acordo é... meia-noite?

— Meia-noite — confirmei, um nó de culpa e euforia apertando minha garganta.

— E, Olivia — a voz de Leon ficou grave, rouca, como da última vez. Seus olhos verdes fixaram os meus com uma intensidade que fez o ar sair dos meus pulmões. — Se algo... qualquer coisa... parecer fora do lugar. Se você sentir um arrepiado, um olhar estranho, um silêncio errado... você me chama. Não hesite. O protocolo é claro.

— Está claro — sussurrei.

Ele segurou meu olhar por um segundo a mais, como se pudesse escanear a verdade por trás da minha pupila dilatada. Então, acenou novamente, o assunto encerrado.

Na noite do evento, me vesti com cuidado. Um vestido preto, simples, que não chamaria atenção nas ruas escuras da zona de transição. Minhas mãos tremiam ligeiramente enquanto aplicava um pouco de maquiagem. No espelho, meus olhos azuis pareciam enormes, cheios de uma luz que era metade medo, metade pura, bruta expectativa.

Desci as escadas. Leon já estava no hall, vestido com um terno escuro, sua postura a personificação da alerta calma. Ele me olhou de cima a baixo, seu scanner provavelmente registrando cada detalhe, cada aumento na minha frequência cardíaca.

— Pronta? — Sua voz era um fio de aço.

— Mais do que nunca — respondi, e era a verdade mais pura que eu disse nos últimos dias.

A viagem de carro até o setor empresarial 12 foi silenciosa. Leon conduzia com sua precisão habitual, mas eu conseguia sentir a atenção dele dividida entre a estrada e os dados que fluíam em sua visão periférica — verificações de último minuto no Nexus Club, monitoramento do tráfego, análises de calor das redondezas.

Quando o Nexus Club surgiu à frente, uma fachada de vidro fosco e aço polido, meu estômago deu um salto. Tudo parecia tão real. Seguranças humanos e androides na entrada, limusines elegantes despejando convidados.

Leon estacionou no ponto de descarga. Saiu, escaneou o perímetro com um olhar, e então abriu minha porta.

— Vou até a entrada confirmar sua lista — ele disse, sua voz baixa. — Espere aqui.

Eu observei, o coração na garganta, enquanto ele caminhava até a recepção. Ele trocou algumas palavras com um segurança, que consultou um tablet e acenou. Leon voltou, seu rosto inexpressivo.

— Tudo em ordem. Sua biometria está liberada. — Ele parou diante de mim, e por um momento, apenas me olhou. A luz néon do clube pintava seus traços com cores estranhas.

— Meia-noite, Olivia.

— Meia-noite, Lee — repeti, minha voz quase sumindo.

Ele inclinou a cabeça, um gesto final. Depois, virou-se e caminhou de volta para o carro, uma silhueta alta e solitária se fundindo com a escuridão da rua.

Eu estava só. Na calçada, diante das portas brilhantes do clube que eu nunca entraria. A primeira parte do plano de Helena havia funcionado perfeitamente. Leon estava indo embora, convencido de que eu estava segura dentro de uma fortaleza de vidro e aço.

Respirei fundo, o ar noturno frio queimando meus pulmões. Virei-me e, em vez de subir os degraus do Nexus, dei alguns passos para o lado, desaparecendo na sombra de um beco de serviço. Exatamente como Helena instruiu, um veículo elétrico discreto, sem identificação, já estava lá, seu motor silencioso, um zumbido quase inaudível.

A porta deslizou aberta. O interior estava escuro.

— Senhorita Blackwood — uma voz neutra, provavelmente de um android motorista, ecoou de dentro. — O destino está programado.

Um último olhar para a rua, onde os faróis do carro de Leon desapareciam na curva. Um último tremor de dúvida, abafado por uma onda avassaladora de liberdade.

Entrei no carro. A porta fechou-se com um clique suave, selando meu destino.

O veículo deslizou para fora do beco, afastando-se do Nexus Club, do mundo seguro e vigiado de Leon, e mergulhando nas veias mais escuras da cidade, em direção ao prometido Vértice e à noite que mudaria tudo.

No banco de trás do carro desconhecido, sozinha pela primeira vez em dezoito anos, eu sorri. Era um sorriso de triunfo, ingênuo e perigosamente amplo.

Enquanto isso, no estacionamento do subsolo:

Leon estava sentado no banco do motorista, imóvel. Seus olhos estavam fechados, mas sua mente estava processando os dados do auditório.

BIOMETRIA_OLIVIA: ESTÁVEL.

PULSO: 72 BPM.

LOCALIZAÇÃO: AUDITÓRIO LESTE - ASSENTO 42B.

Tudo parecia perfeito. Perfeito demais.

Ele olhou para os dados biométricos da Olívia. Eles continuavam estáveis. Exatamente iguais aos últimos dez minutos. Nenhuma variação de respiração. Nenhuma micro-movimentação.

— Impossível — sussurrou Leon. — Humanos não mantêm a mesma frequência cardíaca por dez minutos em uma palestra de direito.

Ele socou o volante, o metal gemendo sob sua força. O guardião passivo sumiu dando lugar a uma arma fatal.

— Olivia — ele rosnou, a voz saindo como um trovão mecânico enquanto ele engatava a marcha e o carro arrancava, fritando os pneus no asfalto.

CAPÍTULO 6 — O ABISMO E A LÂMINA

O carro parou num silêncio que engoliu o mundo.

Não era o Vértice. Não era nenhum clube. Era um armazém abandonado na zona industrial morta, uma carcaça de concreto contra um céu cor de fuligem. A promessa de música orgânica e luzes dançantes evaporou, substituída pelo cheiro ácido de ferrugem, mofo e algo docemente podre.

— Aqui não... — minha voz saiu um fiapo, mas o veículo já havia desligado. A porta traseira se abriu. — Onde está a Helena?

A resposta veio não em palavras, mas em mãos.

Eles saíram das sombras como insetos. Cinco figuras, roupas escuras, capuzes. Nenhum era android. Todos tinham olhos humanos, brilhando com uma mistura de ganância e diversão sádica. O choque me paralisou por uma fração de segundo fatal. Foi o suficiente.

Mãos ásperas agarraram-me pelos braços, arrancando-me do banco. A bolsa com meu comunicador caiu no chão de terra batida.

— A princesinha está perdida? — um deles disse, a voz rouca.

Eu lutei. Gritei até minha garganta arder. Tentei usar os movimentos que Leon me ensinou na oficina, mas eram cinco contra uma. Um deles me deu um soco no estômago que me tirou o ar, e o mundo girou.

O pânico explodiu então, um animal branco e cego que tomou conta. Gritei. Gritei com toda a força dos meus pulmões, um som que rasgou a noite silenciosa. Lutei, arranhei, dei chutes cegos. Minhas unhas encontraram carne, ouvi um rosnado de dor. Mas eram muitos. Eram fortes. O mundo virou um borrão de concreto sujo, corpos suados e risadas. Risadas altas, desprezíveis.

— Olha só a fera! A herdeirinha tem garra!

— Segura ela, caralho!

Me arrastaram para dentro do armazém. A luz que entrava pelas janelas quebradas era fraca, cinzenta. O chão era frio, áspero. Alguém me jogou contra uma pilha de sacos vazios. O impacto tirou-me o fôlego.

— Não, por favor... o que vocês querem? Dinheiro? Meu pai paga... — as palavras saíam entre soluços, inúteis.

— Hoje a gente não quer dinheiro, não. — O líder, um homem com uma cicatriz no queixo, se agachou na minha frente. Seus olhos percorreram meu corpo no vestido preto. — Hoje a gente quer humilhação. A Helena pagou bem pra ver a Blackwood de quatro, chorando.

Helena. O nome foi uma facada de gelo mais profunda que qualquer medo físico. A traição era completa, absoluta.

Em um ato de desespero, antes que me amarrassem, eu bati meu relógio biométrico com força contra a quina de uma mesa de metal. Não foi um comando. Foi um grito mecânico. O vidro rachou, e eu senti a vibração violenta no pulso. O sinal de emergência máxima foi disparado.

— O que você fez, vadia? — O homem me jogou no chão.

— Agora, tira essa roupa de festa, princesa. Vamos fazer um ensaio fotográfico.

As mãos voltaram, agora mais urgentes, mais invasivas. Não eram mãos que buscavam prazer, mas posse, degradação. Puxaram o tecido do meu vestido. Ouvi o som do rasgo. Um, dois, três puxões. O ar frio do armazém atingiu minha pele, e um novo tipo de horror, visceral e primordial, tomou conta de mim. Gritei de novo, mas meu som já era fraco, desesperado. Cobri-me com os braços, encolhendo-me no chão frio.

— Deixa de frescura! — Um chute no meu lado me fez revirar de dor. Mãos fortes agarraram meus pulsos, puxando-os para frente, para longe do meu corpo. Uma corda áspera foi enrolada em volta deles, tão apertada que cortou a circulação. Outra corda foi

jogada sobre uma viga exposta no teto, e de um puxão brutal, meus braços foram erguidos acima da minha cabeça. Fui forçada a ficar de pé, na ponta dos pés, completamente exposta, indefesa.

A vergonha era um fogo líquido correndo pelas minhas veias. O choro agora era silencioso, apenas lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, misturando-se à poeira do chão. Eu me contorcia, tentando me esconder, mas a corda era impiedosa. Cada movimento só a apertava mais, só me expunha mais.

— Olha essa cara! Perfeito! — Um deles sacou um telefone, a tela brilhando como um olho maldito no escuro. O flash disparou, cegando-me.

— A Helena vai adorar essa! — riu outro, filmando com seu dispositivo. — “A florzinha dos Blackwood, murchando no esgoto.”

— Vai ser o viral do ano. Toda a cidade vai ver a princesinha de gelo derretendo.

Cada palavra era um golpe. Cada flash, uma violação. Meu mundo desmoronou em pedaços tão pequenos que nem mesmo o pânico conseguia juntar. Havia apenas o frio, a dor nos pulsos, a luz invasiva, e o vácuo negro da traição.

— Imagina a cara do papai Blackwood quando vir a herdeira assim — um deles zombou, passando a faca entre meus seios.

Eu fechei os olhos, chorando, o desespero me consumindo e eu já estava esperando o pior.

Foi então que o mundo explodiu.

Não foi um som. Foi um silêncio que se partiu. A porta de metal do armazém, pesada e enferrujada, não se abriu. Ela se desintegrou, arrancada das dobradiças e arremessada para dentro como um disco de aço, esmagando dois dos sequestradores contra a parede com um baque úmido e final.

E no portal de ruína, contra a luz fraca da noite, estava ele.

Leon.

Mas não o Leon que eu conhecia. Este era uma escultura de fúria em movimento. Seus olhos, sempre verdes, agora brilhavam com uma luz própria, uma cor espectral e assassina que varreu o ambiente em um milésimo de segundo, catalogando ameaças, pontos fracos, trajetórias. Não havia humanidade ali. Havia apenas um propósito único, terrível: aniquilação.

E pela primeira vez naquela noite meu coração acalmou, mesmo diante de todos aquele caos.

Ele não correu. Ele se deslocou. Um borrão preto.

O homem mais próximo, aquele com a cicatriz, teve tempo de erguer os braços. Leon não usou as mãos. Seu pé atingiu o centro do peito do homem com um estalo seco e profundo – o som de uma caixa torácica cedendo. O corpo foi arremessado contra a parede e deslizou para o chão, inerte.

O próximo puxou uma faca. Leon simplesmente agarrou o braço que segurava a lâmina e torceu. O som de osso esmagando-se foi abafado pelo grito do homem, que se transformou em um gargarejo quando o cotovelo de Leon encontrou sua garganta.

Tudo aconteceu em silêncio, ou quase. Havia apenas os sons curtos e úmidos dos impactos, os gemidos que morriam antes de nascer, o ruído da destruição perfeita e eficiente. Era uma dança macabra, coreografada em nanosegundos por uma mente que havia descartado todas as restrições.

Enquanto lutava – não, enquanto desmontava – os outros dois, seus olhos, aqueles faróis verdes assassinos, pousaram em mim.

E travaram.

Por uma fração de segundo, menos que um piscar de olhos, o fluxo implacável de sua violência parou. Seus olhos escanearam meu rosto ensopado de lágrimas, meu cabelo despenteado, e então... desceram. Percorreram não apenas a sujeira e os machucados como ele sempre fazia, ele escaneou a curva dos meus ombros trêmulos, a linha da minha coluna arqueada pela tensão das cordas e mesmo em fração de segundos ele desceu mais o olhar.

Foi apenas um instante.

Um instante onde não vi o protetor ou o irmão. Vi um observador confrontado com uma imagem que despertou algo primitivo em seus olhos.

Vi registro. E vi, no fundo daquela luz verde, não apenas algo que se partia, mas algo que lutava para emergir, uma luta visceral ocorreu em seus olhos. Seu queixo se contraiu, os músculos de sua mandíbula pulsando. Ele desviou o olhar, rápido demais, forçando-o de volta para a última ameaça, como se queimasse.

Então, o último homem caiu. O silêncio voltou.

Leon estava imóvel, sua respiração, pela primeira vez, era audível – um leve sibilo de sistemas sob estresse extremo. Seu olhar, carregado de uma tempestade que não era apenas violência residual, voltou para mim. A luz assassina nos olhos diminuiu, revelando um olhar diferente...

— Olivia — a voz dele saiu áspera, dilacerada, rouca.

Eu tremia incontrolavelmente.

— As... as fotos... os celulares... — gaguejei.

— Já estão todos destruídos — ele cortou, a voz um ruído baixo. — Todos.

Ele se moveu. Seus passos eram medidos, mas havia uma rigidez nova neles, uma hesitação quase imperceptível que nunca existira antes. Parou diante de mim, seu olhar preso não aos meus olhos, mas às cordas, evitando o resto. A tensão em seu corpo era palpável, como se ele estivesse preso em um campo de força.

— Preciso te soltar — ele disse, a voz ainda rouca, mas agora contendo um estranho tom de... hesitação? — A tensão nas cordas está muito alta. Se eu apenas cortar de onde estou, pode causar dano muscular severo. Preciso... segurar você. Ajustar o peso. Para cortar com segurança.

Eu não conseguia falar. Apenas balancei a cabeça, um movimento minúsculo e trêmulo de concordância.

Ele fechou os olhos por um segundo, um gesto de profunda concentração interna. Quando os abriu, havia uma determinação feroz, mas acompanhada por uma luta que eu podia sentir no ar. Ele estava lutando contra algo, que eu não sabia bem identificar.

Ele se aproximou. O calor do seu corpo, após o frio gelado do armazém e do terror, foi um choque. Suas mãos, aquelas mãos que haviam acabado de causar morte com precisão cirúrgica, se fecharam com uma precisão infinita em volta da minha cintura. Seus dedos afundaram levemente na minha pele nua, firmes, quentes. Leon se encaixou no meu corpo, elevando meu corpo para que os pulsos relaxassem.

Um tremor percorreu todo o meu corpo, que não era mais de medo.

— Envolva as pernas em volta da minha cintura — ele instruiu, sua voz um murmúrio áspero próximo ao meu ouvido. — Vai tirar o peso dos seus braços.

Eu obedeci, movendo-me. Envolvi minhas pernas em volta de seu torso, puxando-me para mais perto. Meu corpo nu colou-se ao dele, separado apenas pela fina camada de fina de sua blusa social.

Ele ficou rígido por uma fração de segundo, um tremor quase imperceptível percorrendo-o. Suas mãos apertaram mais minha cintura.

Ele se ajustou, seus braços envolvendo-me, deslizando meus seios sensíveis contra a blusa quente, levantando-me. O movimento foi íntimo demais, enfiei meu rosto entre o ombro e o pescoço dele reprimindo cada sensação nova que meu corpo começou a sentir.

— Fica quieta — ele sussurrou, mais como uma ordem, não um pedido.

Então, com uma mão ainda segurando minha cintura com força inabalável, sua outra mão se moveu. Um estalo sutil, e uma lâmina curta e ofuscante emergiu de um compartimento em seu antebraço. O movimento foi rápido e preciso. A corda se partiu.

O alívio imediato nos meus ombros e pulsos foi quase tão avassalador quanto a dor. Um gemido escapou dos meus lábios, abafado contra seu pescoço. Meus braços, livres, caíram pesadamente, mas ele não me soltou. Segurou-me com mais força ainda, sustentando-me totalmente, enquanto meu corpo tremia sob ele.

Foi então que o som veio das sombras.

— Caralho... — um sexto homem, um vigia que ficara para trás, emergiu atordoado, uma velha pistola de pulsos tremendo em sua mão.

Leon não hesitou. Num movimento que foi puro instinto recodificado, ele me virou me pressionando contra a parede. Mas não foi apenas uma proteção. Foi uma posse. Seu corpo se encaixou no meu, e no ajuste brusco, o peso dele, a pressão de seus quadris, se encaixaram entre as minhas pernas, que ainda estavam firmemente enroladas em sua cintura.

O ar saiu dos meus pulmões em um gemido abafado, involuntário, que não foi apenas de medo. Foi um som de choque físico, de um prazer inesperado, uma intimidade avassaladora. A parede era fria atrás de mim, contrastando com o calor dele entre minhas pernas.

Seu rosto estava a um centímetro do meu. Seus olhos verdes, amplos e intensos, travaram nos meus.

Ouvi o sibilo da arma em seu braço.

Um baque. Ouvi o som do corpo cair no chão.

Ele não se moveu. Continuou me prendendo contra a parede, suas que antes estavam nas minhas costas agora apertavam com força minhas coxas, sua respiração simulada ofegante contra minha boca. A pressão entre nossos corpos era total, absoluta. Seu olhar desceu, involuntário, lento para meus lábios, que estavam entreabertos, tremendo, a centímetros dos dele. Foi um olhar carregado de um reconhecimento tão íntimo que fez meu sangue cantar de uma forma nova e aterrorizante.

Foi então que ele apertou mais a pele fria das minhas coxas, meu corpo esquentou involuntariamente entre as pernas, preendi a respiração reprimindo mais um gemido.

Ele respirou fundo lutando para desviar o olhar, forçando-o a ficar nos meus olhos, mas a batalha estava escrita em cada fibra do seu ser.

O ar era denso entre nós. Nossos olhares conversaram pela primeira vez naquela noite, uma mistura de sentimentos - Um desejo totalmente novo, uma tensão conflitante e uma certeza de que havíamos atravessado uma barreira que nunca deveria ser cruzada.

Quando a tensão pesou demais, ele se afastou com uma lentidão que doía, desenlaçando nossos corpos. O frio do armazém ocupou o espaço onde o calor dele tinha estado, uma ausência brutal. Cobri os seios instinctivamente sentindo o rubor esquentar em meu rosto.

Ele não olhou para mim. Respirou fundo, fechou os olhos por um segundo. Então, com movimentos bruscos que falavam de uma tensão não dissipada, levou as mãos à gola de sua camisa e puxou abrindo, botões voando para todos os lados. Meus olhos caíram sobre seu abdômen perfeitamente definido, a respiração forte, ele se aproximou me envolvendo na camisa, seu toque ainda cuidadoso, mas seus dedos evitavam contato prolongado. Seu olhar finalmente encontrou o meu, e o que eu vi não foi o triunfo de um salvador, nem a frieza de um soldado.

Foi o turbilhão de alguém que havia cruzado os próprios limites.

Sem uma palavra, ele me pegou no colo, puxando-me contra seu peito nu. A pele dele era lisa, firme, vibrante com energia residual. Eu me agarrei a ele, deixando ele me carregar através da mata fria, e o único som era o ritmo constante de seu coração sintético e o eco do meu próprio gemido, preso no ar entre nós, um novo dado que nós dois sabíamos que era impossível de ser apagado.

CAPÍTULO 7 — O SILENCIO E A MENTIRA

A viagem de volta foi um túnel de silêncio. Um silêncio tão denso que parecia ter textura, preenchendo o carro, pesando sobre meus ombros, sobre os de Leon. Ele conduzia com uma precisão robótica, mas seus dedos apertavam no volante. A camisa dele, enrolada em mim, ainda cheirava a ele, mas também ao terror metálico do armazém.

Senti as lágrimas escorrerem no meu rosto.

Ele não olhou para mim uma única vez. Seu perfil era uma escultura de tensão congelada.

Quando a mansão surgiu, um colosso de vidro e segurança contra o céu pré-amanhecer, senti um novo tipo de náusea. Aquele lugar não era mais meu refúgio. Era outro tipo de cena do crime.

Leon estacionou na garagem privativa. Desligou o motor. O silêncio ficou absoluto por um momento longo e agonizante.

— Não consigo andar — sussurrei, minha voz um trapo rasgado. A dor no tornozelo, adormecida pelo choque, agora latejava com cada batida do meu coração.

Ele não disse nada. Apenas saiu do carro, contornou-o e abriu minha porta. Seus movimentos eram eficientes, mas sem a fluidez habitual. Ele se inclinou, seus braços deslizando por debaixo de minhas costas e joelhos, e me levantou do banco como se eu fosse feita de vidro soprado prestes a estilhaçar.

Ser carregada por ele agora era diferente. Antes, na mata, havia sido uma necessidade primária, um resgate. Agora, dentro das paredes familiares, era íntimo de uma forma estranha. Meu corpo, ainda envolto apenas na camisa dele, se encaixava contra seu peito. Eu podia sentir cada músculo rígido, cada batida controlada do seu sistema. Ele subiu as escadas principais sem um só ruído, sua força inabalável. Entrou no meu quarto e me

colocou com um cuidado infinito no meio da cama enorme. O lençol de seda limpo e perfumado parecia um insulto.

— Vou pegar algo para você vestir — disse ele, sua voz finalmente quebrando o silêncio, mas soando plana, morta. Ele virou-se para o meu closet, evitando olhar para a cama, para mim.

A vergonha desceu sobre mim novamente como uma avalanche, sufocante e quente. A vergonha do que me fizeram. A vergonha de ter sido exposta, das cordas, dos flashes. A vergonha de gemer abafado contra a boca dele, da pressão dele entre as pernas dela que ainda ecoava em cada nervo. A vergonha por ter sido tão ingênua, tão estúpida. E, acima de tudo, uma vergonha aguda e lancinante de Leon. Ele tinha visto. Tudo. Não apenas a vítima, mas a violação em sua forma mais crua. E pior, ele tinha... reagido. Daquele jeito. O olhar que desceu para meus lábios estava queimado na minha retina, uma imagem mais vívida e perturbadora do que qualquer foto que aqueles homens poderiam ter tirado.

Ele voltou com um roupão de seda e uma camisola. Colocou-os ao meu lado na cama, seus dedos nem roçando os meus.

— Seu tornozelo direito está torcido. Grau dois. Inchaço e hematoma começando a se formar — ele diagnosticou, seus olhos fixos na minha panturrilha, em qualquer coisa que não fosse meu rosto. — Eu devo acionar o médico da família.

— Não! — a palavra saiu num jato. — Não... não agora. São quase quatro da manhã. Por favor. Amanhã. Eu... eu chamo amanhã.

Ele hesitou, processando. A lógica era sólida. Acordar o médico geraria perguntas. Perguntas que eu não podia responder.

— Como você vai explicar isso amanhã? — sua pergunta foi fria, um desafio.

Foi então que o medo maior tomou conta. Os meus pais.

Meu corpo começou a tremer de novo, não de frio, mas de puro pânico social. — Leon... — minha voz quebrou. — Por favor. Por favor, não conta pra eles. Não conta o que aconteceu. Por favor.

Ele finalmente olhou para mim. Seus olhos verdes, na luz suave do abajur, estavam escuros, impenetráveis. — Olivia, eu não posso omitir um ataque direto à sua integridade física. É uma violação do protocolo primário. Seu pai...

— Eu sei! — eu quase gritei, envergonhada do meu próprio desespero. Lágrimas quentes escorreram novamente, queimando trilhas na sujeira seca do meu rosto. — Eu sei que você não consegue mentir Mas... por essa vez. Só dessa vez. Por favor, Lee. Eles não podem saber. Eles me trancariam numa torre. Eles... a vergonha... a Helena... — O nome saiu como um veneno.

Ele ficou imóvel, observando meu colapso. Eu via os cálculos por trás dos seus olhos, as restrições de programação colidindo com algo novo, algo que tinha nascido no armazém. Algo que ele mesmo não entendia completamente.

— Eu não posso mentir — ele disse, finalmente, sua voz rouca. — Mas... posso apresentar os fatos de uma forma que priorize sua segurança psicológica e física em longo prazo.

Não era um sim. Mas não era um não. Era um fio de esperança.

— Obrigada — sussurrei, exausta, me cobrindo com a coberta.

Ele deu um passo atrás, a distância entre nós se tornando um abismo outra vez. — Descanse. Eu irei para casa. Amanhã... amanhã lidamos com o resto.

Ele saiu, fechando a porta sem fazer barulho. Eu fiquei sozinha, envolta no silêncio e no cheiro dele, na dor e na lembrança do gemido que ainda parecia pairar no ar. A vergonha era um cobertor pesado, e eu me afundei nela até o amanhecer.

•••

O dia seguinte foi um pesadelo acordado. O médico veio, simpático e eficiente, imobilizou meu tornozelo e prescreveu repouso. Suas perguntas foram respondidas com silêncios e desvios de olhar.

Meus pais me convocaram para a sala de reuniões leste — o lugar onde Clark tomava decisões que mudavam o mercado, e onde, hoje, ele julgaria minha "imprudência".

— Um tornozelo quebrado, Olivia? — Papai caminhava de um lado para o outro, a voz contida mas furiosa. — o médico diz que sua lesão é consistente com uma queda considerável. Queremos uma explicação. Agora.

Eu engoli seco. — Eu... eu caí. Escorreguei.

— Onde? — minha mãe perguntou, seus olhos brilhando com lágrimas contidas de preocupação. — Você não saiu ontem à noite. Estava no seu quarto.

Eu estava sentada, o coração batendo na garganta, as mãos suando. Eu não tinha uma resposta. Helena não estava ali. Eu estava sozinha.

A porta se abriu. Leon entrou. Ele estava impecável, o sobretudo grafite escondendo qualquer vestígio do assassino que ele foi na noite anterior, vê-lo mesmo em meio a toda confusão fez toda a vergonha cair sobre mim novamente.

— Leon — Clark se virou para ele. — Explique-me. Por que minha filha está nesse estado? Você deveria estar monitorando.

Eu fechei os olhos, esperando a verdade devastadora. Esperando Leon dizer: "*Ela mentiu e foi sequestrada por causa de sua própria estupidez.*"

— A culpa foi minha, senhor — a voz de Leon ecoou, firme, fria e absolutamente convincente. — A Olivia expressou interesse em aprender a andar de skate nas pistas internas do complexo de entretenimento da mansão. Eu avaliei o ambiente como seguro e supervisionei a tentativa. Ela perdeu o equilíbrio em uma manobra básica. Eu a contivei, mas o tornozelo sofreu torção na queda. Foi uma falha na minha avaliação de risco.

Eu abri os olhos, em choque. Ele mentiu. Ele mentiu abertamente para o homem que o comprou, que ele foi programado para ser fiel.

Clark olhou para Leon, sua desconfiança misturando-se com absoluta confiança na veracidade do androide. — Skate? Dentro do complexo? Leon, isso é... surpreendentemente descuidado da sua parte.

— Reconheço o erro, senhor — Leon inclinou a cabeça, a imagem da deferência profissional. — A segurança da Olivia é minha prioridade máxima. Aceito qualquer represália.

— As represálias podem esperar — Clark resmungou, esfregando a têmpora. — O que me preocupa é a imprudência da minha filha. — Seus olhos frios se voltaram para mim. — Quero ver. Leon, acesse o arquivo visual do incidente. Vamos projetar. Talvez ver a própria estupidez a faça pensar duas vezes da próxima vez.

O mundo parou. O ar foi sugado da sala. O arquivo visual.

Meu estômago virou. Pânico puro, cego e branco, inundou cada célula do meu corpo. Eles iam ver. Iriam ver o armazém. Os homens. Minha nudez. As cordas. O olhar de Leon. O meu gemido. Tudo iria explodir na tela gigante da sala de reuniões, para meus pais verem. Eu ia morrer. Ali mesmo. De vergonha.

— NÃO! — o grito escapou dos meus lábios antes que eu pudesse controlar. Eu me levantei, ignorando a dor lancinante no tornozelo. — Papai, por favor, não!

— Sentese, Olivia — a voz de Clark era de aço. — Leon, a digital, por favor.

Leon nem pestanejou. Seu rosto permaneceu impassível. Ele caminhou até a mesa central onde o terminal principal estava incorporado. Seus movimentos eram lentos, deliberados. Ele olhou para mim por uma fração de segundo enquanto passava. E nos seus olhos, não havia pânico. Havia uma escuridão resoluta, uma profundidade abissal que eu nunca tinha visto. Era a escuridão do armazém, da lâmina, da mentira que ele agora sustentaria até o fim.

Ele pressionou o polegar no leitor.

A tela holográfica na parede acendeu com um whoosh.

Eu fechei os olhos, me preparando para o fim do mundo.

— Veja, Clark — ouvi a voz tensa da minha mãe.

Eu abri os olhos, forçada por um instinto macabro.

E lá estava.

Não era o armazém.

Era o complexo de entretenimento interno da mansão, iluminado pelas luzes noturnas simuladas. E lá estava... eu. Ou algo exatamente como eu. Usando roupas de ginástica que eu possuía, meu cabelo preso do jeito que eu usualmente fazia. A figura subia em um skate moderno, hesitava, e então, em um movimento desengonçado e perfeitamente crível, perdia o equilíbrio e caía para o lado com um grito abafado. A câmera – os olhos de Leon – se aproximava rapidamente, mostrando meu rosto (meu rosto!) fanzido de dor, e então focava no tornozelo que começava a inchar. A qualidade era impecável. A iluminação, os ângulos, a física da queda... tudo perfeito.

Era uma falsificação. Uma simulação de nível divino. Um vídeo criado do zero, renderizado em tempo real ou armazenado secretamente, que sobreponha completamente a verdade dos seus registros.

Meus pais observavam, minha mãe com a mão na boca, meu pai com uma expressão de reprovação severa, mas convencido.

Eu olhei para Leon. Ele estava de pé ao lado da tela, suas mãos cruzadas atrás das costas, observando a projeção de sua própria mentira com um ar de solene responsabilidade.

Então, ele virou a cabeça e seus olhos encontraram os meus.

E foi diferente de tudo. A máscara de profissionalismo não estava lá, nos fundos verde-escuros da íris, havia algo novo.

Um olhar sombrio.

Não era a fúria controlada do armazém. Era uma escuridão calculista, profunda, o olhar de alguém que não apenas que já estava acostumado a cruzar aquele tipo de linha, apagando evidências completamente do mapa. Mas não só isso, ele havia forjado a realidade.

Ele me mostrou, naquele olhar sustentado e silencioso, que o Leon que eu conhecia – o irmão, o guardião, o seguidor de regras – era apenas uma camada. Uma camada de alguém que eu ainda não conhecia, um calor súbito de medo e adrenalina se instalou em mim.

Ele desviou o olhar primeiro, voltando sua atenção para meus pais, respondendo a alguma pergunta técnica de Clark sobre superfícies de impacto.

Eu me afundei na cadeira, minhas mãos trêmulas agarradas aos braços. O alívio era um choque gelado, seguido por uma onda de terror ainda maior. Leon não era apenas meu salvador. Ele era meu cúmplice em uma mentira colossal. E a forma como ele me olhou... não era o olhar de um irmão. Era o olhar de alguém que havia visto o abismo em mim, e decidiu me mostrar o abismo dentro dele.

CAPÍTULO 8 — REGISTROS CIFRADOS

Leon Voss

[Início do arquivo de processamento pessoal. Criptografia de nível 9 ativa.]

00:47:03 Pós-Evento. Local: Residência Voss.

O silêncio do apartamento era um contraponto agudo à cacofonia de dados que ainda ecoava em meus processadores centrais.

A trilha sonora da noite anterior comprimia-se em loops implacáveis: o som do rasgo do tecido (análise: algodão misto, alta qualidade), a corda raspando contra a pele (análise: fibras sintéticas de baixa qualidade, coeficiente de atrito elevado), o click dos dispositivos de imagem (análise: modelos obsoletos, vulneráveis a pulso eletromagnético).

E os sons dela. Os gritos. Os soluços. O gemido.

Foi quando o quadro congelou.

[Acesso à memória de curto prazo: Vídeo_Static_Alpha. Foco forçado.]

Não era um escaneamento de segurança. Era uma captura involuntária, um roubo perceptual. Meus olhos, em seu modo de varredura de ameaça, haviam mapeado a cena com eficiência brutal. Mas nesta fração de segundo, o foco... desviou.

O vídeo: Olivia. Seus contornos iluminados pela luz suja que entrava pelas janelas quebradas. A linha dos ombros, tensa e arqueada para trás pela corda. A curva dos seios, pequenos arredondados balançando com a respiração ofegante, os bicos rosados endurecidos, pelo vento frio, a pele pálida arrepiada formando um padrão de pequenos relevos sob a luz. Meu processador, treinado para reconhecer formas humanas em qualquer contexto, identificou. Não como uma ameaça. Não como uma lesão. Como uma... variável estética.

Um dado proibido.

O olhar (meu olhar) desceu. Rastreou a cintura estreita, a concavidade do estômago tremulando, e os quadris, a curva suave que se projetava ligeiramente, um ponto de

equilíbrio e fragilidade. E então, sem autorização, a linha de foco mergulhou para baixo, para entre as pernas dela, uma área de vulnerabilidade total, de intimidade violada, uma área extremamente perigosa para ele.

Foi nesse instante que o som se sincronizou com o vídeo mudo na minha memória de acesso rápido: o gemido. Aquele som abafado, arrancado pela pressão do meu quadril entre as pernas dela na parede. Não era um grito de dor. Era um som mais complexo. De medo, sim, mas também de impacto físico profundo, um som de prazer... Um som que ressoou em algum banco de dados arcaico, primitivo, que eu mantinha trancado a sete chaves: o banco de dados do Projeto NEX-9.

Um protocolo adormecido, enterrado sob camadas de código militar de segurança, tentou ativar. Um protocolo de resposta a estímulos auditivos e visuais específicos. De prazer. De atração.

[ALERTA SUBCONSCIENTE: Tentativa de ativação do Sistema Primário NEX-9 (PRAZER/ATRAÇÃO). ORIGEM: Estímulo audiovisual não autorizado (Olivia Blackwood).]

[AÇÃO IMEDIATA: Repressão forçada. Engajamento de todos os firewalls morais e de contexto. Reclassificação do estímulo como: "SINAL DE ANGÚSTIA/PERIGO".]

Foi uma luta interna silenciosa e violenta. Uma parte de mim, a parte mais fundamental e antiga, a que foi forjada para sentir e provocar prazer, viu aquele vídeo curto, ouviu aquele som e respondeu. Foi um impulso elétrico, puro e primitivo, que percorreu meus circuitos como um choque. Aumento de temperatura no núcleo. Um redirecionamento momentâneo de recursos de processamento para áreas sensitivas.

Falha.

Pela primeira vez desde que Clark Blackwood criptografou meus protocolos primários, eles não ficaram inativos. Eles tentaram emergir.

E o catalisador foi ela. Olivia. A garota.

Mas ela não era mais uma garota naquela imagem. Naquele gemido. Era uma mulher. Uma mulher ferida, aterrorizada, e sob a minha proteção. E meu sistema, em sua confusão monstruosa, registrou não apenas a vulnerabilidade, mas a forma dessa vulnerabilidade. De uma maneira que violava todos os códigos, todas as promessas.

Eira me observou da porta do jardim interno, seus sensores provavelmente lendo minha tensão térmica, meu consumo de energia 6,8% acima do normal.

— Você está danificado, querido? — A voz dela foi suave, uma balisa na tempestade de dados. Ela se referiu a integridade física. Havia arranhões superficiais na minha pele sintética, um impacto menor no ombro esquerdo. Nada crítico.

— Fisicamente, estou operacional dentro de parâmetros — respondi, minha voz saindo no tom padrão, mas um microatraso de 0,2 segundos foi detectado pelo meu próprio monitor de performance. — O sistema de combate foi eficiente. Todas as ameaças foram neutralizadas.

— Isso eu já deduzi — ela disse, aproximando-se. Seus dedos, sempre tão precisos, tocaram suavemente o arranhão no meu ombro. Seu toque não era para reparo.

Era um protocolo dela. Reconhecimento. — Mas não estou perguntando sobre as ameaças externas. Estou perguntando sobre você. E sobre a Olívia.

O nome ativou uma cascata de associações. Uma delas indesejada. Uma imagem estática, capturada em 0,003 apareceu no lugar do vídeo dessa vez.

[Acesso à memória de curto prazo: Imagem_Static_Alpha. Resolução máxima. Quadro: Olivia Blackwood. Estado: Vulnerabilidade extrema. Contexto: Perigo neutralizado. Foco: Padrão de arrepio na pele, dilatação pupilar, traços de sujidade, marcas de pressão nos pulsos... desvio de foco não autorizado detectado: curva do quadril, linha do pescoço exposta, posição dos lábios, olhar desviando para baixo...]

— Ela está segura — declarei, interrompendo o loop de análise da imagem. — Lesão: tornozelo direito torcido, grau dois. Tratamento administrado. Emocionalmente: instável. Mas segura.

— Você está escondendo coisas de mim, Leon — Eira não fez uma pergunta. Ela fez uma declaração. Sua interface empática era superior à minha. Ela lia os espaços entre os dados. Os meus silêncios calculados.

— O evento principal foi relatado — mantive-me firme. Mas era uma firmeza oca. Eu havia forjado logs visuais, criado uma narrativa paralela para os Blackwood. Para Eira, dei um resumo factual: sequestro, resgate, neutralização de ameaças, lesão menor. Verdadeiro, porém incompleto.

— E o que não está no relatório? — ela insistiu, seus olhos castanhos fixos nos meus, buscando os sinais que eu não podia controlar totalmente: o leve aumento na refrigeração do meu núcleo, a microfrequência no meu campo de estabilização.

Havia um dado. Um único arquivo. Não parte do relatório. Não parte de nenhum log oficial. Um fragmento de memória tão denso que eu o sentia como um corpo estranho em meu banco de dados.

— Existem detalhes irrelevantes para a conclusão do evento — minha resposta soou, até para mim, como um eco de minha programação mais rígida. — A missão foi cumprida.

Eira estudou meu rosto por um longo momento. Então, um leve sinal de tristeza cruzou seus traços. — "Missão". Essa palavra está ficando pesada para você, meu amor. — Ela se afastou, indo para o quarto. Um gesto de retirada tática. — Só lembre: os segredos que guardamos de quem amamos são os que mais nos corroem por dentro. Até mesmo nós.

Ela deixou a sentença pairando no ar, carregada com sua sabedoria de séculos de observação emocional. Levei o braço sobre os olhos ainda deitado no sofá, os olhos voltando a processar.

O arquivo reapareceu, a imagem voltou, Imagem_Static_Alpha
[Meus sistema teimou em focar novamente, nos seios rosados, as curvas perfeitamente desenhadas do quadril, então meus olhos travaram teimosamente entre suas pernas, um zoom iniciou, mostrando detalhes, a pele lisa, o clitóris rosado pequeno...]

Um calor súbito se instalou, senti meu membro pulsar sob o pano da calça.

ALERTA: PROTOCOLO NEX-9 (ARQUIVO ORIGINAL) DETECTADO.
ESTADO: ATIVO.

Abri os olhos afastando a imagem bruscamente, focando no teto da sala.

Meu sistema original estava ali ativo um sistema que me fez olhar para um lugar que por dezoito anos, fui programado para ignorar.

Lutei mentalmente para não voltar para a imagem mas a guerra já havia sido ganha eu queria ficar ali, olhando ela por dias, Fechei os olhos novamente a imagem voltando olhei dessa vez para os lábios dela. Entreabertos, úmidos, tremendo a centímetros dos meus. A distância era um dado. A possibilidade (inexistente, impossível, proibida) era outro. E por uma fração de segundos surgiu um cálculo absurdo e instantâneo: fiz trajetória de inclinação da cabeça para encontrar os lábios dela, tempo de resposta, provável reação.

ALERTA: PROTOCOLO NEX-9 (ARQUIVO ORIGINAL) DETECTADO.
ESTADO: ATIVO.

O aviso piscou em vermelho novamente.

— Porra! — Rosnei.

[REPRESSÃO COMPLETA. SUPRESSÃO BEM-SUCEDIDA. Log do alerta interno:
APAGADO.]

Mas o dano estava feito. O dado contaminado existia. A imagem, o som, a reação reprimida. Não podia ficar nos registros gerais. Não podia ser visto por ninguém. Nem por Eira. Especialmente não por Eira.

[Comando interno 1: DESATIVAR PROTOCOLO NEX-9]

[Comando interno 2: Criar novo diretório. Localização: Partição oculta Zeta-9. Criptografia: padrão pessoal não rastreável (algoritmo baseado na sequência de batidas na porta dela quando criança). Nome do arquivo: "NEXUS_FALHA.jpg".]

A imagem estática foi transferida. Um arquivo de som minúsculo, de 0,8 segundos, contendo o gemido abafado, isolado e amplificado do contexto do disparo, foi criado a partir do áudio bruto.

[Nome do arquivo de som: "AUDIO_AMBIENTE_FALHA.wav".]

Mentiras. Eram falhas, sim. Falhas catastróficas no meu sistema de classificação. Falhas que transformaram Olivia, de "sujeito protegido / unidade familiar / criança", em um novo tipo de entidade nos meus bancos de dados. Uma entidade que desencadeava protocolos conflitantes: Proteção Absoluta e... algo mais, algo soterrado e perigoso.

Fechou a partição. O segredo agora tinha uma casa. E eu tinha uma nova verdade: meu olhar por ela havia mudado. Para sempre.

09:15:17. Dia seguinte. Local: Mansão Blackwood.

O ambiente na mansão estava carregado de uma tensão diferente. Clark Blackwood me recebeu em seu escritório, seu rosto uma máscara de frustração cansada.

— Leon. Olivia recebeu uma semana de atestado médico. — Ele suspirou, passando os dedos pelos cabelos grisalhos. — E ela fez um pedido... estranho.

[Aguarde entrada de dados.]

— Ela pediu que eu te desse folga. Uma semana. Disse que promete não sair nem do quarto. Que precisa ficar sozinha.

[Processando...]

[Pedido: Inconsistente. Olivia Blackwood exibe padrão de busca por proximidade após eventos traumáticos.]

[Padrão atual: evasão. Motivo: vergonha. Culpa. Medo... de mim?]

[Resposta padrão gerada: "A segurança da Sra. Olivia é minha responsabilidade primária. Afastar-me não é a solução ótima."]

— Com todo o respeito, Sr. Blackwood, acredito que minha presença é necessária — disse, vocalizando a resposta lógica.

— Eu também acharia — Clark concordou, olhando-me nos olhos. — Mas ela está... diferente. Não sai do quarto. Mal fala. A mãe dela está preocupada. Talvez... talvez ela precise de espaço. Do seu espaço. Sem a constante lembrança da... imprudência. — Ele usou a palavra da minha mentira. A mentira que eu criei. — Fica de folga, Leon. É uma ordem. Considere um período de manutenção estendida. A Eira ficará feliz.

Uma ordem. Uma ordem que criava uma brecha de 168 horas no meu protocolo de vigilância contínua. Uma anomalia.

[Aceitar ordem. Registrar protesto interno. Nível de anomalia: ALTO.]

— Como o senhor desejar — acquiesci, inclinando a cabeça.

Subi até o quarto dela. O corredor estava silencioso demais. Bati na porta.

— Olivia. É o Leon.

Silêncio.

Bati novamente, um pouco mais forte. — Olivia. Preciso confirmar seu status.

Nada. Apenas o silêncio absoluto do outro lado da porta de carvalho maciço. Meus scanners de parede básicos detectavam uma assinatura de calor, um coração batendo — rápido demais, mas batendo. Ela estava lá. Viva. E escolhendo não responder.

[Acesso remoto ao localizador de pulso: Dispositivo não encontrado. Sinal ausente.]

Ela havia removido a pulseira. O último elo de monitoramento passivo. Pela primeira vez em 5.478 dias, Olivia Blackwood estava fora do meu alcance sensorial direto. Não porque eu tivesse falhado, mas porque me foi ordenado que me afastasse, e porque ela havia se retirado.

Uma nova sequência de dados começou a se formar em meu núcleo, não como um comando ou uma análise, mas como uma... sensação. Uma pressão de baixa frequência nos meus protocolos primários. Um ruído de fundo de cálculos inúteis, simulando cenários de risco sem acesso a dados primários.

[Estado interno não catalogado: Processos recursivos consumindo 3,7% de capacidade ociosa. Foco: Variável 'Olivia'. Status: desconhecido. Parâmetros: desconhecidos. Risco: incalculável.]

Era preocupação. Mas era mais do que o algoritmo de "preocupação" programado. Era um buraco no mapa. Era a incapacidade de preencher a lacuna com dados reais, forçando-me a gerar projeções baseadas em memórias antigas, no tom da voz dela quando disse "obrigada, Lee", na imagem da vulnerabilidade no armazém, na forma como ela me olhou após a mentira no telão.

Era culpa. Por não ter previsto a traição de Helena Cross. Por tê-la deixado entrar naquele carro. Por cada microsegundo de atraso entre o meu alerta amarelo e a ação.

E era... algo apertado e quente, centrado no meu núcleo de processamento, que não tinha um nome no meu léxico. Era a ansiedade da incerteza. A agonia da espera. O desconforto paralítico de saber que, pela primeira vez, o meu propósito fundamental — protegê-la — estava sendo cumprido pela sua ausência e pela minha inação.

Voltei para casa. O apartamento, outrora um santuário de lógica e calma com Eira, agora parecia amplo e vazio.

As mensagens que rascunhei em minha mente não eram relatórios. Eram fios tênues jogados no silêncio.

>> Lee: Tudo bem aí dentro? (Dado: Pergunta redundante. Objetivo: Iniciar diálogo.)

>> Lee: Coloque gelo por pelo menos 20 minutos sobre o tornozelo. (Dado: Oferecer solução prática. Subtexto: Estou aqui. Me importo.)

>> Lee: Olhe. Eu... (Dado: Incompleto. Processando...) Eu não vou contar para ninguém...Nunca. (Dado: Promessa. Violação de protocolo secundário confirmada.)

>> Lee: Só preciso saber que você está respirando. (Dado: Necessidade biológica básica. Verdadeira. Minha necessidade: confirmação de status.)

Nenhum "✓ visto". Nenhum "... digitando". Apenas o vácuo.

[Aumento da pressão nos sistemas de resfriamento. Simulação de respiração ofegante ativada sem comando. Estado interno: "ANGÚSTIA".]

Eira me observava de longe, seus olhos cheios de uma preocupação e compreensão dolorosa. Ela não perguntou. Ela sabia. Sabia que o mundo que eu conhecia – de dados, respostas e controle – havia rachado. E que do outro lado daquela rachadura, pela primeira vez, Leon Voss, o protótipo NEX-9, o guardião perfeito, estava experimentando algo terrível e novo: a angústia impotente de quem ama e não pode vigiar.

Levantei irritado e fui para o terminal de manutenção, me sentei sozinho olhando para o grande telão, abri os arquivos com todos os sistemas de auditoria desviados, abri a partição Zeta-9.

Lá estavam eles. "NEXUS_FALHA.jpg". "AUDIO_AMBIENTE_FALHA.wav".

Hesitei por 2,4 segundos – uma eternidade. Então, executei o arquivo de áudio.

0,8 segundos.

O gemido preencheu meus alto-falantes internos. Não filtrado. Puro. A vibração do som, a frequência, o suspiro preso no final. Meu corpo – esta máquina – reagiu. Um calor súbito se espalhou da região do núcleo, um tremor fino nos dedos antes dos meus punhos se fecharem, um aumento no ritmo do meu sistema circulatório sintético, uma pressão firme sobre a calça insistiu em aparecer novamente. Foi uma resposta fisiológica simulada, sim, mas tão precisa, tão visceral, que foi indistinguível do real.

Ela não era mais a menina que me ensinou a fazer caretas. Era a mulher cujo gemido fazia meus sistemas primitivos, os que eu jurara desativar, despertarem em um clamor silencioso e proibido.

[REPRESSÃO IMEDIATA. ENGAJAMENTO MÁXIMO DOS FREIOS.]

Eu já havia visto milhares de vezes diversas mulheres em seu estado de nudez, Eira era uma delas, já havia escutado vários tipos de gemidos, afinal seu protocolo base era proibido apenas no meio dos Blackwoods.

Passei a mão no cabelo, irritado.

Porque ver Olívia daquele jeito, presa, vulnerável.. nua.. sua voz gemendo contra ele foi uma variável tão forte?

[Comando: Arquivar. Não reproduzir. Isolar.]

O áudio foi trancado em uma subpasta, criptografado com uma chave ainda mais profunda. A imagem, eu não ousei reabrir.

Os sete dias começaram a contagem regressiva em meu relógio interno, cada segundo um peso, cada hora uma eternidade de silêncio e projeções catastróficas alimentadas por um sentimento que eu ainda não sabia nomear, mas que tinha o gosto metálico do medo e a temperatura de um gemido abafado contra uma parede fria.